



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

ROSEANE ARAÚJO DAS NEVES

**PATRIMÔNIO E COMUNIDADE: ESTUDO DE PÚBLICO NA IGREJA
DO ANTIGO SEMINÁRIO DE BELÉM - CACHOEIRA- BA**

Cachoeira
2012

ROSEANE ARAÚJO DAS NEVES

**PATRIMÔNIO E COMUNIDADE: ESTUDO DE PÚBLICO NA IGREJA
DO ANTIGO SEMINÁRIO DE BELÉM - CACHOEIRA- BA**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof.^aMs. Cristina Ferreira Santos de Souza

Cachoeira
2012

N511p Neves, Roseane Araújo das
Patrimônio e comunidade : estudo de público na Igreja do antigo seminário de Belém-Cachoeira/BA / Roseane Araujo das Neves. – Cachoeira /BA : UFRB, 2012.

93 p.

Orientadora: Cristina Ferreira Santos de Souza
Monografia (Graduação) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia,
Centro de Artes, Humanidades e Letras.

1. Comunicação museológica. 2. Museu. 3. Memorial. I. Souza, Cristina Ferreira Santos de. II. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. III. Título.

CDD 069

ROSEANE ARAÚJO DAS NEVES

**PATRIMÔNIO E COMUNIDADE: ESTUDO DE PÚBLICO NA IGREJA
DO ANTIGO SEMINÁRIO DE BELÉM - CACHOEIRA- BA**

Monografia apresentada como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Aprovado em 09 de março de 2012.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Ms. Cristina Ferreira Santos de Souza (orientadora)
Bacharela em Museologia – UFBA
Mestra em História – UFBA

Prof^a. Ms. Suzane Tavares de Pinho Pêpe
Licenciada em Artes Plásticas – UFBA
Especialista em Cultura e Arte Barroca – UFOP
Mestra em Arqueologia e História da Arte – UCL-BE

Prof^o. Ms. Luiz Cláudio Dias do Nascimento
Licenciado em História – UEFS
Mestre em Estudos Étnicos e Africanos - UFBA

“O museu não é unicamente um necrotério de relíquias históricas, artísticas, folclóricas ou arqueológicas e sim um organismo vivo, que se impõe no valor educativo, ressuscitando o passado nele acumulado.”

Gustavo Barroso

Dedico esta monografia especialmente a minha avó (em memória), a minha mãe que sempre está presente em todos os momentos, bons e difíceis da minha vida e a minha filha Arícia, por ter suportado momentos sem a minha presença , ainda na tenra idade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida, e por estar ao meu lado em todos os momentos da minha vida, sem ele não sou nada.

A minha mãe, Marivalda Araújo das Neves, que dedicou a maior parte de seu tempo para cuidar da minha filha, enquanto eu me dedicava aos estudos e por me proporcionar a oportunidade de fazer este curso.

A minha filha Arícia, por minhas ausências.

Ao meu marido Rodrigo Servilho por aguentar as minhas impaciências e crises de stress emocional.

A minha irmã Sandra Araújo, pela torcida, pela compreensão e por estar sempre ao meu lado.

A minha avó Alice de Melo em saudosa memória, por sempre ter acreditado no meu potencial.

A minha orientadora Cristina Ferreira pela amizade, pelo carinho e dedicação, agradeço a ela por toda formação na Universidade, aprendi muito com ela.

A profª Suzane Pinho, pela força e por estar sempre à disposição me ajudando durante a graduação. E a todos os professores que de certa forma contribuíram para a minha formação acadêmica e profissional.

Às minhas orientadoras do projeto de pesquisa e extensão Profª Dra. Lúcia Maria Aquino de Queiroz e Profª Patrícia Santos, pela oportunidade de enriquecer a minha bagagem acadêmica me preparando para o futuro. Por meio do projeto produzimos muito e participamos de eventos científicos enriquecendo nosso currículo.

A minha amiga do curso de graduação, Idaiane Freitas, pelos conselhos e por sempre me alertar de certas coisas da vida.

À Érica Paixão, pela amizade sincera, carinho e pelos poucos momentos em que compartilhamos trocas significativas na graduação.

À comunidade de Belém de Cachoeira e aos alunos, professores e funcionários da Escola Padre Alexandre Gusmão, pela boa receptividade.

Ao Padre Cid José da Cruz, ao Côn. Hélio Vilas-Boas, a Profª Edna Pimentel e ao Profº Luiz Cláudio Nascimento pela acolhida.

Ao Profº Adinoel Maia a quem agradeço pela atenção e indicação de preciosas fontes para este estudo, mesmo estando distante.

Finalmente, à Propaae - UFRB que subsidiou os meus estudos com o auxílio da bolsa ao longo da Graduação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 MUSEU E PÚBLICO	13
1.1 O Museu e a Comunidade	15
1.2 Os Museus no Brasil	18
1.3 A Comunicação Museológica e a Avaliação de Público	19
2 HISTÓRICO DA VILA DE BELÉM DA CACHOEIRA	22
2.1 A Igreja do antigo Seminário de Belém da Cachoeira	22
2.2 Vida e contribuições de Bartholomeu Lourenço de Gusmão	28
2.3 De Seminário dos Jesuítas à Santuário do Frei Galvão	29
2.4 A criação do Memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão	31
3 O TRABALHO DE CAMPO	34
3.1 A Interpretação dos dados	34
3.1.1 Visitantes de outras localidades	35
3.1.2 O uso da edificação enquanto patrimônio: interpretação dos questionários	44
3.1.3 A Escola Padre Alexandre de Gusmão	45
3.1.3.1 Espaço físico	46
3.1.4 Relato da experiência	46
3.1.5 As atividades relacionadas ao Patrimônio Cultural na escola	53
3.1.6 As atividades relacionadas a História local na escola	54
3.1.7 Os Patrimônios considerados relevantes pelos professores	55
3.1.8 O significado da palavra Patrimônio para os docentes	58
3.1.9 Escola e Patrimônio local: uma relação possível	61
4 PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA	62
4.1 Patrimônio Cultural	62
4.2 Memória	64
4.2.1 Estudo da Memória de Belém: A construção da Memória Local	67
4.2.2 Analisando o lugar por meio da percepção dos moradores	70
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	76

ANEXOS	80
APÊNDICES	86

NEVES, Roseane Araújo das. **Patrimônio e comunidade: estudo de público na Igreja do antigo Seminário de Belém – Cachoeira/BA**. 2012. 93 f. Monografia (Graduação) – Curso de Bacharelado em Museologia. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA.

RESUMO

O presente estudo monográfico, que está inserido na área da comunicação museológica e avaliação de público, têm como objeto de estudo a Igreja do antigo Seminário dos Jesuítas com o seu Memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão, ambos localizados na vila de Belém, distrito de Cachoeira. Sua finalidade é investigar a relação dos moradores da vila de Belém com esses bens patrimoniais - a igreja e o Memorial Bartolomeu Lourenço de Gusmão a ela anexado - assim como, avaliar a experiência dos visitantes ao conhecer o local, por meio da investigação do espaço museológico enquanto patrimônio cultural. Para tanto, foram selecionadas alguns sujeitos para a realização deste estudo: o público visitante da Igreja, alunos e professores da escola Padre Alexandre Gusmão e, por último, moradores e representantes da cultura local. Os dados coletados são provenientes de entrevistas e questionários aplicados individualmente. Foram consideradas também contribuições de diversos autores para embasar o estudo. A realização deste trabalho com a metodologia técnica da avaliação de público contribuiu para o levantamento de dados sobre a utilização do espaço museológico enquanto patrimônio cultural pelos seus visitantes e identificadas demandas e contribuições que estes trazem para a Igreja Nossa Senhora de Belém com seu memorial a ela anexado. A pesquisa também contribuiu para obter informações sobre o processo de apropriação dessa instituição enquanto equipamento cultural e de lazer pelos moradores e não moradores da vila de Belém da Cachoeira. Os resultados revelaram que as pessoas da comunidade não visitam a Igreja como uma instituição cultural, mas a utilizam para o culto religioso, reconhecem que a Igreja é um monumento patrimonial muito importante no local e têm memória em relação a esse patrimônio.

Palavras-Chave: Comunicação Museológica. Avaliação de público. Museu. Comunidade/Igreja. Seminário. Memorial.

NEVES, Roseane Araújo das. Heritage and Community: a study of the public in the old Seminary Church of Belém - Cachoeira / BA. 2012. 93 f. Monograph (Undergraduate) - Degree Course in Museology. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA.

ABSTRACT

This monographic study, which is housed in the museum area of communication and evaluation of public, have as their object of study of the ancient Church of the Jesuit Seminary with its Memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão, both located in the town of Belém district of Cachoeira. Its purpose is to investigate the relationship of the inhabitants of the town of Belém with these assets - the church and the Memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão attached to it - as well as assess the experience of visitors to visit the place, through the investigation of the museum while cultural heritage. To this end, some subjects were selected for this study: the visitors of the church, students and school teachers Father Alexandre Gusmão, and finally, residents and representatives of the local culture. The data collected are from interviews and questionnaires administered individually. We also considered contributions of various authors to support the study. This work with the technical methodology of evaluation of the public contributed to the survey data on the use of the museum as a cultural heritage for its visitors and identified needs and contributions they bring to the Church of Our Lady of Belém with his memorial to her attached. The research also contributed to information about the process of appropriation of this institution as a leisure and cultural facilities by residents and non residents of the town of Belém in Cachoeira. The results revealed that people in the community do not visit the church as a cultural institution, but use it for religious worship, recognize that the Church is a very important heritage monument at the site and have memory in relation to the heritage.

Keywords: Communication Museological. Assessment Public Museum. Community / Church. Seminar. Memorial.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso, que está inserido na área da comunicação museológica e avaliação de público, tem como objeto de estudo a Igreja do antigo Seminário dos Jesuítas com o seu Memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão, ambos localizados na vila de Belém, distrito de Cachoeira. Sua finalidade é investigar a relação dos moradores da vila de Belém, com esse patrimônio - a igreja e o Memorial Bartolomeu Lourenço de Gusmão a ela anexado - bem como, avaliar a experiência dos visitantes ao visitar o local, por meio da investigação do espaço museológico enquanto patrimônio cultural.

Nas terras onde hoje está localizada a vila de Belém da Cachoeira, foi no passado uma aldeia indígena. (SOUZA apud SOUZA, 2008, p. 119). Com a chegada dos jesuítas foi erguido um seminário (1686) e uma igreja (1695) ambos fundado pelo padre jesuíta Alexandre de Gusmão, com o objetivo de preparar crianças e adolescentes. Dentre eles destacam-se três personalidades históricas como: o português Bartholomeu Lourenço de Gusmão, apelidado padre “voador”, por ser o inventor do aeróstato que contribuiu para os estudos do espaço aéreo e facilitou também através de suas pesquisas, a vida no internato levando água de um riacho até as dependências do seminário; o diplomata Alexandre de Gusmão, que ganhou fama internacional por ter renegociado com a Coroa espanhola o Tratado de Madrid; e Antônio de Sant`Anna Galvão, conhecido como santo Frei Galvão, canonizado pela igreja católica. (PINTO, 2008, p. 03)

Hoje, do Seminário de Belém resta apenas a igreja – edificação que se tornou local histórico e de memórias. No seu interior, existe o memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão, inaugurado há quase dois anos com o intuito de preservar a memória do cientista e oferecer materiais de estudos e informações para interessados e estudantes. Atualmente, a igreja é também, centro de peregrinação de devotos do Frei Galvão, pelo fato do mesmo ter passado alguns anos de sua vida estudando no seminário, atraindo assim, pessoas de diversas localidades do Brasil.

A importância deste estudo reside na valorização do patrimônio histórico pela comunidade, pois se este é um documento, deve ser compreendido, preservado e transmitido às gerações futuras, porque assim como o patrimônio salvaguardado dentro dos museus, o patrimônio tombado de cidades históricas necessita de estudos, para a sua melhor compreensão e identidade cultural.

Vale ressaltar que a realização de um trabalho com a metodologia técnica da avaliação de público permite a administração de uma instituição uma melhor organização documental de dados sobre o público visitante, fornecendo desta maneira elementos que possam traçar um perfil tanto de público quanto de suas características. Importante salientar que o estudo de público auxilia uma instituição cultural a entender a maneira que tais pessoas se relacionam com o patrimônio, podendo produzir uma melhor forma de recepcioná-los.

A escolha por esta abordagem se deu a partir das experiências da pesquisadora na disciplina “tipologia de museus e avaliação de público” lecionada pela professora Cristina Ferreira, quando executou trabalho de avaliação de público na Biblioteca Municipal da Cidade de Conceição da Feira, o que a despertou para realizar o mesmo trabalho na Vila de Belém, onde a proponente reside e tem fácil acesso à sua comunidade.

O presente trabalho monográfico tem como objetivos específicos: avaliar o uso que se faz da Igreja, enquanto patrimônio, observando os usos e significados que a mesma tem para o povo do lugar, através de depoimentos orais com idosos, líderes da vila e representantes da cultura local; analisar o patrimônio sob o olhar turístico, verificando não somente as condições de preservação do bem, mas também as condições de visitação e ainda, observar o nível de conhecimento dos alunos e professores da Escola Padre Alexandre de Gusmão sobre patrimônio cultural e a relação dos mesmos com os bens culturais da vila, bem como, outras questões pertinentes.

Dessa forma, a pesquisa monográfica consta de introdução; de desenvolvimento estruturado em três capítulos, sendo que o primeiro aborda discussões à respeito de temáticas ligadas à museologia – Museu, Público, Comunicação Museológica, bem como a história da igreja do antigo Seminário de Belém com breve contextualização histórica da vila, localização da mesma, vidas e feitos do Padre Bartholomeu de Gusmão e formação do Memorial que leva seu nome; no segundo capítulo, foram lançados os resultados colhidos em campo (questionários e entrevistas) e as metodologias utilizadas na pesquisa; o terceiro apresenta os conceitos referentes ao patrimônio cultural e um estudo de memória verificando os usos e significados que a Igreja tem para o povo do lugar; em seguida são apresentadas as considerações finais e referências bibliográficas.

CAPÍTULO I

1. MUSEU E PÚBLICO

O presente estudo está inserido no campo da comunicação museológica, especificamente no campo de avaliação de público, já que um dos pilares da museologia é a comunicação, ou seja, preservar o patrimônio para transmitir o conhecimento sendo o estudo de público a análise da percepção do público em relação a esse patrimônio.

Assim, os estudos de público nas instituições museológicas vêm se mostrando importante para “*O planejamento da instituição, refinamento de seus programas e atendimento ao público*”. (STUDART, ALMEIDA e VALENTE 2003, p. 129). Entretanto, a maioria dos estudos são apenas parte do processo de avaliação da comunicação museológica, e “ainda restringe o museu ao papel de atrativo a ser incorporado nos roteiros turísticos, o guardião da memória coletiva e da identidade cultural local”, é o que sugere Côrrea (2010, p. 26).

Para Coelho (1997), o termo público é utilizado, em política cultural, e costuma designar o conjunto simples, físico, de pessoas que assistem a um espetáculo, visitam um museu, freqüentam uma biblioteca, entre outras designações. É importante observar o termo público, pois, a maioria das pesquisas sobre o assunto acomete somente os perfis sócio-econômicos, dividindo o público segundo a assiduidade.

O termo “público” refere-se no entender popular a pessoas que vão apreciar um espetáculo ou realizar uma visita seja num museu ou numa instituição que preze pelo belo ou por um conjunto histórico. Nesse perceber, público é muito mais do que pessoas que vão assistir a um espetáculo ou pela quantidade de pessoas que vão apreciar uma obra. Desse modo, público não somente se relaciona à condição socioeconômica de um indivíduo, para Coelho, são indivíduos que freqüentam, independente da classe social, um museu ou uma biblioteca, por exemplo.

(...) público visitante – pessoas que de fato freqüentam museus (...); público potencial – pessoas que se pretende atingir pela ação do museu (...); público alvo – trata-se de uma seleção dentro do público potencial a qual se pretende atingir por determinado programa / atividade. (STUDART et al., 2003, p. 133).

Vistos os vários conceitos de público, entende-se que a pesquisa proposta poderá apontar novos caminhos para compreender como se relacionam a comunidade da vila de Belém, distrito de Cachoeira com a Igreja do antigo Seminário de Belém e o Memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão, que são os elementos que constroem a memória e a identidade local.

Acredita-se que isso possa aprimorar as relações entre bem patrimonial e comunidade local, logo, diante desse fato e sob a perspectiva dos variados autores abordados e da pesquisadora, o objeto de estudo o Memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão e a Igreja do antigo Seminário de Belém, que atualmente é tombada pelo (IPHAN) é um grande exemplo, de Instituição museal. Conforme Cury (apud BRUNO, 2005), “museal é o fato (é a relação entre o homem e o objeto em um cenário)” que são os museus, centros de cultura, etc.

O Memorial e a Igreja do Seminário de Belém, além do seu caráter religioso, é uma edificação que se transformou em um espaço de valor artístico e histórico muito importante para a memória local, dando a oportunidade de que cada indivíduo conheça a sua história e se perceba como um sujeito inserido na mesma.

Assim, esse estudo se mostra significativo, pois, conhecer os vários tipos de público e como eles se comportam diante de um bem é muito importante para esses bens patrimoniais, Igreja e Memorial. Igualmente, o uso de um patrimônio cultural em atividades que tenha como finalidade a visita e sua consequente divulgação é também de grande importância, “já que o grande papel da museologia é ser impulsionadora e difusora da História Regional e Local,” é o que assegura Nunes (1996, p.71).

Fonseca (2005) afirma que a composição de patrimônios históricos e artísticos nacionais é feita por meio de determinados agentes, recrutados entre os intelectuais, e com instrumentos jurídicos específicos, que escolhem bens e lhes atribuem valor, enquanto manifestações culturais e enquanto símbolos da nação. Conforme a mesma autora “esses bens passam a ser merecedores de proteção, visando à transmissão para as gerações futuras, nesse sentido, as políticas de preservação se propõem a atuar, basicamente, no nível simbólico, tendo como objetivo reforçar uma identidade coletiva, a educação e a formação de cidadãos.”

Para se definir um conjunto histórico, é necessário que uma equipe de competência e habilidades técnicas, possa separar e escolher determinado valor

que aquele bem possui. Assim, para que outras pessoas, de outras épocas, possam contemplar o bem tido como patrimônio cultural e histórico e por meio dele, enriquecer a sua identidade enquanto cidadão e avigorando a sua educação. Destarte, a Igreja de Belém como o seu memorial, é tida como um patrimônio cultural e histórico, enriquecendo a identidade dos cidadãos ao longo dos tempos.

1.1- O Museu e a Comunidade

O museu na atualidade, segundo Chagas e Nascimento (2006, p.13), concilia diversas funções, sendo percebido como “*casa de memória*”, relacionado a ações preservacionistas; “*lugar de referência*”, por trazer representações simbólicas universais, nacionais, regionais, locais, étnicas e/ou individuais; e “*espaço de mediação ou comunicação*”, por oferecer atividades para o público em geral.

O conceito de museu e suas funções passaram por várias modificações ao longo da sua história. No entanto, até os dias de hoje quando se fala em museu, geralmente à imagem que vem na mente das pessoas é um “lugar de coisa velha”, se formos procurar em um site de relacionamento da internet iremos encontrar mais de cem comunidades que se titulam: “Quem vive de passado é museu”, no entanto, os profissionais da área de museologia têm procurado mudar essa visão. Pode-se notar essa mudança na atual definição de museu do Comitê Internacional de Museus (ICOM):

Museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, que adquire, conserva, pesquisa, divulga e expõe, para fins de estudo, educação e lazer, testemunhos materiais e imateriais dos povos e seu meio ambiente. (ICOM, 2004).

Entretanto, ainda convém lembrar que antes de chegar neste conceito, houve vários debates entre os teóricos da área com diferentes visões a respeito do conceito de museu e museologia, dentre eles Zbynek Z. Stránský na década de 80, define a museologia como uma “disciplina científica distinta e independente” cujo objeto de estudo é a aproximação do homem a realidade, expressa nas diferentes formas históricas de apresentar o museu, que são reflexo parcial da memória dos povos. (HERNÁNDEZ apud STRÁNSKÝ, ano, p.75).

O novo paradigma da museologia, ao formular o conceito de museu desvia o foco da disciplinaridade para a multidisciplinaridade, do edifício para o território, e do público para a comunidade. O novo museu encontra sentido com a participação das pessoas e grupos da comunidade, que não são mais considerados receptores passivos, mas especialistas nas questões concernentes à sua própria história. O trabalho do novo museu baseia-se no diálogo entre museólogo e comunidade. (VICTOR apud FERNÁNDEZ, 2005)

Os museus deixaram de ser espaço de contemplação de objetos para ser espaço de mediação entre uma comunidade e seu acervo, ou seja, seu patrimônio, sua identidade, sua memória. É hoje, antes de tudo, um espaço para experimentação e produção do conhecimento.

Retomando a história dos museus, a palavra *mouseion* teve sua origem na Grécia antiga. Para os gregos a palavra “museu” definia o templo das musas. Mais tarde, definiu também o lugar ou edifício destinado ao estudo das humanidades, ciências e artes. Segundo Julião (2006) esses templos não se destinavam a reunir coleções para a fruição dos homens; eram locais reservados à contemplação e aos estudos científicos, literários e artísticos.

Nos fins da Idade Média e no Renascimento, os primórdios dos museus foram os “Gabinetes de Curiosidades”, é assim, que Julião se reporta aos (museus) formados por “viajantes naturalistas”, ou seja, estudiosos que colecionavam objetos e animais exóticos vindos de outras terras. “Esses museus reuniram, nos séculos XVI e XVII, artefatos de povos não europeus. Cada peça adquiriu a capacidade de representar e conhecer uma porção do mundo existente” (INIESTA, 1994, p. 45).

Muitas dessas coleções, que se formaram entre os séculos XV e XVIII, se transformaram posteriormente em museus, tal como hoje são concebidos. Entretanto, na sua origem, elas não estavam abertas ao público e destinavam-se a fruição exclusiva de seus proprietários e de pessoas que lhes eram próximas. Somente no final do século XVIII, foi franqueado, de fato, o acesso ao público às coleções, marcando o surgimento dos grandes museus nacionais. (JULIÃO, 2006, p. 20)

A historiografia museal se reflete ao final do século XVI e no século XVIII, quando marcados pelas Revoluções Francesa e Inglesa, uma nova concepção de sociedade se desenvolve na perspectiva do nacionalismo e da democracia. Nesse momento, o direito aos bens culturais é considerado como de todos e a noção de

“coleção” começa a ser concebido não mais como um bem privado, mas como um bem público. Amplia-se a concepção de museu e este passa a ser pensado como veículo de educação e de informação ao público para fazer cumprir a sua função social¹.

A revolução Francesa foi um grande marco nas transformações dos aspectos políticos, religiosos, econômicos, educacionais, ou seja, houve mudanças significativas para diversos estados. Antes o estado e a igreja eram praticamente uma coisa só, a Revolução Francesa é responsável pela separação entre o poder religioso e o secular. Conforme Chagas (2002, p.38-39) a Revolução Francesa institui marcos de memória (datas, heróis e monumentos) articulada com um novo conceito de nação. A comemoração desses novos marcos está inserida no projeto revolucionário. As festas não são apenas festas, são também lembranças da Revolução vitoriosa. Julião (2006, p.21) completa esta questão referindo-se a instauração de um *“espírito nacional”*. Segundo a autora, os museus surgiam convencidos da missão de instruir a população, formar o cidadão através do conhecimento histórico empregando um sentimento de nacionalidade e sentido de antiguidade à nação por meio dos museus.

Após a Segunda Guerra Mundial, o relacionamento dos museus com a sociedade começa a se transformar, pois, na mesma década, os Estados Unidos proporcionam a experiência de um “museu dinâmico” que além de abrigar coleções especializadas nas mais diversas áreas do conhecimento, passam a atrair um público diversificado para atividades educativas, de lazer, concertos e debates. (SILVA, 2011, p.6)

Conforme Silva; Souza e Souza (2011), as discussões e proposições em torno da transformação das instituições museológicas ocorrem em 1946, com a criação do Conselho Internacional de Museus (Icom), na esfera da Unesco, no qual o Brasil contaria com representantes que incrementariam as discussões. Mas é na década de sessenta que as discussões se ativam, em meio à crescente insatisfação política e a movimentos de democratização da cultura. Os museus iniciam um processo de reformulação de suas estruturas, procurando compatibilizar suas ações com as novas demandas da sociedade. Deixam de ser espaços consagrados

¹ **MUSEU DO HOMEM SERGIPANO (MUHSE): ABORDAGEM HISTÓRICA, DOCUMENTAÇÕES E AÇÕES EDUCATIVAS.** Nalison Melo Silva, Josefa Eliana Souza, Danielle Monteiro Souza www.educonufs.com.br. Acesso em 22 de dezembro de 2011.

exclusivamente à cultura das elites, aos fatos e personagens excepcionais da história e passam a incorporar questões da vida cotidiana da comunidade, a exemplo das lutas pela preservação do meio ambiente e da memória de grupos sociais específicos. Essa nova realidade mostra que as instituições museais atuam como instrumentos de extensão cultural, desenvolvem atividades para atender a um público diversificado – crianças, jovens, idosos, deficientes físicos, entre outros.²

Ainda de acordo os autores citados, nessa mesma década de sessenta em que estão intensos os debates em torno do papel dos museus nas sociedades contemporâneas, a exemplo da IX Conferência realizada em Paris e Grénoble 1971 com o tema “O museu a serviço do Homem presente e futuro” e, no ano seguinte, a Unesco promoveu a Mesa Redonda de Santiago do Chile, marcando a revolução da museologia como renovação do seu processo; novas práticas e teorias sinalizam a função social do museu, contrapondo-se a museologia tradicional que elege o acervo como um valor que se processa independente do seu uso social; o que redefine o papel do museu tendo como fim maior o público usuário, atribuindo-lhe uma função crítica e transformadora da sociedade³.

Então, a Igreja de Nossa Senhora de Belém e o Memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão, entendidas aqui como instituições museológicas, como apontam as discussões acima citadas, deixam com isso de ser lugares dedicados exclusivamente à cultura das elites, e atravessam a incorporar questões da vida cotidiana da comunidade. Essa nova realidade expõe que as instituições museais agem como instrumentos de extensão cultural, da sociedade.

1.2 - Os Museus no Brasil

A origem dos museus brasileiros data do século XIX. A família real desempenhou um papel muito grande na origem dos museus no Brasil; D. João VI, em 1818 criou o Museu Real, atualmente Museu Nacional, cujo acervo inicial dispunha de uma mini coleção de história natural doada pelo monarca.

²MUSEU DO HOMEM SERGIPANO (MUHSE): ABORDAGEM HISTÓRICA, DOCUMENTAÇÕES E AÇÕES EDUCATIVAS. Nalison Melo Silva, Josefa Eliana Souza, Danielle Monteiro Souza www..educonufs.com.br. Acesso em 22 de dezembro de 2011.

³Idem a referência 2.

Segundo Pereira e Koptcke (2008) as visitas ao Museu Real, entre 1818 e 1821, eram privilégio de estudiosos e autoridades. A primeira exposição pública do museu foi aberta no decorrer de 1821, porém, não foi todo o conjunto do acervo, apenas quatro salas podiam ser visitadas.

Assim, no século XIX, consolidou-se dois tipos de museus no mundo: aqueles alicerçados na cultura nacional como o Louvre e os que surgiram voltados para pré – história, a arqueologia e a etnologia, como o Museu Britânico. Em relação ao Brasil, os museus enciclopédicos, voltados para o saber do país, predominaram até as décadas de 20 e 30 do século XX, quando entraram em declínio em face da superação das teorias evolucionistas que os apoiavam. Essas instituições colaboraram para construções simbólicas do Brasil, por meio, de coleções que celebravam a riqueza da fauna e flora dos trópicos. (Julião, 2006)

E foi a partir de 1922, com a criação do Museu Histórico Nacional (MHN), que a nação receberia evidencia de museus. Como retrata Regina Abreu⁴, essa instituição rompe com a tradição enciclopédica, inaugurando um museu voltado à história, e à pátria. Ela resume mostrando que o objetivo do MHN foi o de educar o povo, ensinando a população a reconhecer fatos do passado, incentivando o progresso da nação.

1.3 - A Comunicação Museológica e a Avaliação de Público

De acordo com Mota (2010, p. 25) a comunicação museológica e a pesquisa de público têm como objetivo fazer refletir sobre a vertente da museologia que trata da comunicação e das formas de usufruto do museu pelo público. Ou seja, ver maneiras de como o público pode visitar esses museus e de como pode colaborar na visitação e manutenção desses centros de artes e cultura.

O processo de comunicação em museus pode ser uma possibilidade para que a instituição abranja o seu público. É interessante ter noção da compreensão de como o público apropria-se das exposições, das informações transmitidas face ao que foi criado e produzido pelo museu.

A avaliação, segundo Cury (2005, p. 275) é o processo que traz à luz da consciência o andamento das estratégias, métodos, técnicas, ações propostas,

⁴ A respeito do Museu Histórico Nacional. Abreu – Síndrome de museus? P. 51 – 68.

posições, comportamentos etc. É a avaliação que unifica o cotidiano do museu ao projeto de gestão, ajustando-os reciprocamente para a eficiência e a eficácia. Desse modo, a avaliação busca o aprimoramento do atendimento dos museus ao público. A avaliação deve conseguir trazer a realidade vivida da comunidade ao seu local, fazendo com que o público veja, reveja, corrija, e também possa ampliar o pensar sobre o trabalho desenvolvido naquela comunidade.

Sendo assim, verifica-se que, avaliação é uma maneira de se estabelecer diálogo com a realidade e um meio para transformá-la (Cury, 2005, p.123). Isso porque a avaliação deve ser praticada no sentido de envolver os seus atores (público interno e externo) para construir as melhores estratégias para atender os propósitos institucionais. Além de Cury, autora que trata da comunicação museológica, Fausto Henrique Santos, também retrata a mesma. Para Santos (2000), “a comunicação compreende a produção de mensagens por alguém e a recepção por outro. Alguém pinta, alguém vê o quadro; alguém fala, alguém ouve”. Assim, o autor quer dizer que, para existir uma comunicação, é fundamental, quem faça uma produção, como também, quem aprecie, ou seja, uma relação de reciprocidade, de um doar para o outro receber.

Para Julião (2006), o papel das pesquisas nos museus visa à preservação, à investigação e à comunicação, e deve haver um equilíbrio de modo a alicerçar a interação entre usuário e acervo. Conforme a autora, o papel da pesquisa é essencial, pois, ajuda os mantenedores dos museus a realizar um balanço sobre a utilidade desse espaço, de modo a manter uma boa relação entre museu e o público.

O museólogo carece ter cuidado ao transmitir o conhecimento, deve despertar no público à visão crítica, alicerçando a interação entre acervo e público, de forma a questionar exposições conservadoras que só exibem os objetos e fazem a transmissão básica de informações, não mostrando dessa forma a realidade sobre os objetos. (JULIÃO, 2006) Pois, conforme Studart “público” é o conjunto de pessoas que não apenas praticam uma atividade determinada, mas diante dela assumem um mesmo tipo de comportamento, sobre ela expressam opiniões e juízos de valor consideravelmente convergentes e dela extraem sensações e sentimentos análogos (STUDART, 2003, p. 131).

Desse modo, o museólogo deve interceder o necessário e o possível para que a opinião do espectador, não seja abandonada e sim, fazer com que aquele

visitante entenda o verdadeiro significado daquele bem ou objeto no seu sentido mais amplo. Pois, o público necessita proclamar julgamentos e percepções parecidas acerca daquele bem cultural ou histórico.

Dessa maneira, pode-se descrever na museologia o público como os visitantes das exposições e aqueles que vão ao museu praticar outras atividades, mas não visitam exposições. Há ainda o público potencial, que são as pessoas que o museu deseja atrair. Para Coelho (1997) os museus costumam distinguir entre dois tipos de público: público organizado (visitantes organizados previamente em grupos) e público livre ou espontâneo. Os públicos organizados visitam o museu com horário determinado, roteiro definido, quase sempre com guia, e as decisões sobre o que ver são geralmente tomadas pelo organizador da visita, e não pelos visitantes. Já o público livre ou espontâneo decide o que, como e com quem ver a exposição, ou seja, fazem seu próprio percurso.

"O não-visitante sujeito sabe, mesmo que intuitivamente, que o museu é um espaço seu também e que seu formato deve ser revisto. Ele é sujeito porque está sempre nos informando sobre isso e precisamos estar abertos a seus anseios". (CURY, 2005, p.50).

Hoje, pode considerar os museus como responsáveis por mediar os bens culturais e a sociedade, instituições que promovem, acima de tudo, não só a socialização do conhecimento por meio da comunicação museológica, mas funcionam também como veículo de promoção da identidade histórico-cultural. Podem ser chamados de espaços que lidam com as dimensões da memória, um exemplo é a Igreja Nossa Senhora de Belém e o seu Memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão.

CAPÍTULO 2

2 HISTÓRICO DA VILA DE BELÉM DA CACHOEIRA

2.1 - A Igreja do antigo Seminário de Belém da Cachoeira

Belém é uma comunidade relativamente pequena, porém, possui uma história de grande relevância, para o cenário baiano. Situada a seis quilômetros da sede do município de Cachoeira, na Vila de Belém além da Igreja deixada pelos jesuítas, existem outros atrativos como a Fonte dos Padres, que durante décadas, abasteceu as residências locais, sendo que recebeu este nome pelo fato de ter sido descoberta pelos padres jesuítas, que viveram na vila durante mais de 70 anos (1695-1759).

A localidade, atualmente, possui duas escolas, uma municipal que abrange da educação infantil até o 5º ano do ensino fundamental I e a outra, estadual que possui o nome do Padre Alexandre de Gusmão que abrange do 6º ano ao ensino médio.

O IBGE, ainda não divulgou o número estimado da população de Belém, assim, não possui dados estatísticos sobre a população local. A agricultura constitui basicamente a economia da vila, sendo que alguns moradores trabalham na sede em serviços variados, possuindo também, a mão de obra para a construção civil.

Pode-se entender o termo cidade como uma estrutura física dinâmica, constituída por uma organização civil que pode ser marcada pelas transformações ocorridas. É importante ressaltar que o cenário físico, arquitetônico e geográfico pode sofrer constantes mudanças, acarretando modificações no cenário urbano, contudo seus aspectos históricos e organizacionais permanecem (BENEVOLO, 1984). É o que se pode observar na Vila de Belém da Cachoeira, na qual ocorreram várias mudanças ao longo do tempo, no entanto, sua historicidade se mantém na edificação da igreja, nas ruas, no imaginário e na memória dos seus moradores, além do que novas histórias sempre são traçadas e incorporadas pela sociedade atual.



⁵Igreja de Belém, distrito de Cachoeira, no desenho em bico-de-pena de Tom Maia, autor da Velha Bahia de Hoje (Editora Exped, Rio de Janeiro, 1985).

A Vila de Belém surgiu graças ao Seminário dos jesuítas, como indica seu nome (Belém) o conjunto era formado também por uma igreja construída na mesma época do Seminário dedicada á Nossa Senhora de Belém pelo seu fundador Alexandre de Gusmão, sendo hoje tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.



Mapa 1⁶

⁵ Imagem retirada do site: vapordecachoeira.blogspot.com, em 12 de abril de 2011.

A vila de Belém é um “arquivo da história”, pois ela traz a história não só da Bahia como do Brasil, a Igreja Nossa Senhora de Belém é elemento da memória deixada pelos jesuítas na Bahia, sendo o extraordinário acontecimento que restou do Seminário de Belém fundado pelo padre português, Alexandre de Gusmão, em 1686, pedindo que gravassem esta data no frontão da igreja; embora os primeiros alicerces só fossem lançados em 13 de abril de 1687 e o edifício só seria concluído em 1707.

Foi nessa Igreja que foram testados os experimentos científicos do seminarista Bartholomeu Lourenço de Gusmão, sobrinho do fundador e reitor da obra durante muitos anos.

O seminarista Bartholomeu Lourenço de Gusmão inventou e construiu a “passarola”, um dos experimentos feitos nessa Igreja, este, é considerado o primeiro balão a ser construído no mundo, por volta de 1709. O aparelho foi testado pelo seu inventor na área em frente à Igreja e, segundo historiadores, se elevou a uma altura de 60m.

Esse acontecimento foi relatado em petição ao rei D. João, pelo seu inventor. Por causa de seu feito, Gusmão ganhou apelido de “o padre voador”. O inventor ao mesmo tempo é responsável pela construção de um engenho mecânico para conduzir água por encanamento de um brejo até as instalações do Seminário.

Em sua obra, *Santuário Mariano e História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora* (1722) Frei Agostinho de Santa Maria escreveu que o seminário havia sido fundado em um sítio que antes se denominava “Sigumude”. (SOUZA apud SANTA MARIA, 2008, p. 119). Antônio Loureiro de Souza afirmou que, segundo a “tradição” e pela notícia da descoberta de urnas funerárias em regiões próximas, o sítio de Belém de Cachoeira era antes da chegada dos jesuítas uma aldeia indígena. Afirmou também ignorar o significado desta denominação “Sigumude”. (SOUZA apud SOUZA, 2008, p. 119).

O seminário de Belém, ao contrário do significado de hoje do termo, não se destinava à formação de padres, apesar de ser administrado por padres da Campainha de Jesus e sim à educação infanto juvenil. Estima-se que nele tenha estudado mais de setecentos jovens entre 11 e 17 anos de idade, funcionando de 1686 à 1759. (LEITE, Tomo V, 1945: 178). Estes seminaristas eram de famílias abastadas do Brasil colônia. Conforme o seu Regulamento o ensino era composto das matérias de Letras, Gramática, Retórica, Humanidades e Solfa (música).

(*Regulamento do Seminário de Belém*, 1694, 1696. In. LEITE, S., Tomo V, 1945: 180 e FRANÇA, 1952: 168). Dedicava-se também a “criar os meninos em santos e honestos costumes, principalmente no temor de Deus e inclinação às coisas espirituais a fim de saírem ao diante bons cristãos.” (*Regulamento do Seminário de Belém*, 1694, 1696. In. LEITE, S., Tomo V, 1945: 180).

A Igreja do antigo Seminário jesuíta de Belém, é uma parte histórica do município de Cachoeira, pois, agrega em seu acervo histórico o registro de pessoas que fazem parte da história religiosa e científica brasileira, dentre estas, destaca-se Antônio de Sant’Anna Galvão, conhecido como Frei Galvão o primeiro santo brasileiro canonizado pela igreja católica.

Frei Galvão ingressou aos 13 anos no Seminário de Belém a fim de estudar com os Padres Jesuítas. Terminados seus estudos, impossibilitado de entrar para a Companhia de Jesus, ele foi encaminhado ao Convento de São Boaventura de Macacu (RJ) dos frades franciscanos no ano de 1760. Frei Galvão foi ordenado sacerdote em 11 de julho de 1762 e destinado ao Convento de São Francisco na cidade de São Paulo, para estudar filosofia e teologia, onde exerceu seu ministério como sacerdote, pregador, confessor e também porteiro. Em 1774, fundou o Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição da Luz Divina Providência (Mosteiro da Luz) na cidade de São Paulo. Homem religioso e prudente conselheiro atendia a todos que a ele acorriam, como revela a história de suas preciosas “pílulas”. Conta-se que certo dia, Frei Galvão foi procurado por um senhor muito aflito, por estar sua mulher em trabalho de parto e com perigo de vida. Frei Galvão então escreveu em três papezinhos o versículo do Ofício da Santíssima Virgem: *Post partum Virgo Inviolata permansisti: Dei Genitrix intercede pro nobis* (Depois do parto, ó Virgem, permaneceste intacta: Mãe de Deus, intercedei por nós). Depois de ter ingerido as pílulas, a mulher deu à luz sem problemas. Desde então, muitos devotos de Frei Galvão procuraram suas pílulas no Mosteiro da Luz. Santo Antônio de Sant’Anna Galvão foi canonizado em 11 de maio de 2007 pelo papa Bento XVI em sua visita ao Brasil⁷.

Conforme a sua planta o Seminário possuía além do templo, residência dos Padres, Pátio dos Estudantes, Portaria, Casa de Hóspedes, salas de aula, refeitório,

⁷ CRUZ, Cid José da; GOMES, Aline de Souza; OLIVEIRA, Jônatas Silva de; PUGAS, Adelson dos Santos; SANTANA, Maria Conceição de. Igreja de Belém – estudo e avaliação de público. Cachoeira: UFRB, 2011.

cozinha e biblioteca. Segundo Francisco José de Mello, Alexandre Gusmão, construiu a Igreja Nossa Senhora de Belém com esmolas e em proporção ao Templo, edificou casas para peregrinos e hospedes autorizados.



Imagem: Cópia da planta do Seminário de Belém reproduzida por justaposição por Serafim Leite⁸.

Hoje nada resta do seminário além da igreja de grande valor monumental, que foi dedicada a Nossa Senhora de Belém e guarda em sua arquitetura a história do vilarejo, destacando-se entre as outras pelo elevado valor histórico e cultural para a história do local e do Brasil, descrita por Serafim Leite da seguinte maneira: “Hum Templo dedicado a Nossa Senhora de Belém, com o frontispício para a parte do Nascente, e a porta principal de almofadas, e duas janelas, com suas grades e seadros, que ocupa todo o lugar do mesmo Templo, e com sua Torre com quatro sineiras”.

Elementos daquela época permanecem inteiros até os dias atuais como a torre em forma de pirâmide, revestida por azulejos e louça chinesa cuja pintura não apagou até os dias atuais, portais lavrados, balcões em espirais, gradil joanino de jacarandá, o coro apoiado sobre dois pilares de madeira, a ornamentação do forro da sacristia, revestido com uma pintura oriental séc. XVII, construída pelo jesuíta e

⁸ Imagem extraída da dissertação de mestrado de Laís Viena de Souza S. LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1945, Tomo V, p. 190.

artista Frances, Charles Bellevile, que passou pela Bahia quando veio do oriente, também tombado pelo Instituto do Patrimônio e Artístico Nacional em 1938.

A relação entre os Museus e Igreja no nosso país é bem aparente, pois, ao extenso dos séculos, foram-se reunindo coleções por iniciativa eclesiástica, em Conventos, Paços episcopais e Sés. Ficaram famosas as coleções do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, a do Mosteiro de Tibães e, em Lisboa, a dos Cónegos Regrantos do Mosteiro de S. Vicente de Fora e a dos Oratorianos, no Hospício das Necessidades, entre outras.

E com a ação de dois eclesiásticos, quais foram: o Padre José Mayne e D. Manuel do Cenáculo Vilas-Boas (Bispo de Beja e de Évora) – foi que instalaram "Escolas Públicas", abertas a religiosos e seculares, e Museus ou "Gabinetes" que recolheram lápides, moedas, medalhas, vasta pinacoteca e exemplares de história natural foi uma etapa decisiva na valorização do patrimônio do País, acompanhando o que de moderno se processava na Europa "iluminada" e enciclopédica.⁹

De acordo com Mota (2010, p.13) na Idade Média, alto clero, reis e senhores feudais possuíam tesouros como vasos de ouro e prata, jóias, armas, substâncias medicinais, roupas, etc. Estas coleções garantiam poder e representavam fortuna num período em que não havia moeda estável e sistema bancário. Nesse período, algumas obras de arte já eram expostas ao público por intermédio da Igreja que as usavam para propagar a fé em seus templos. Vitrais, mosaicos, gravações em madeira, etc., tinham o objetivo de educar para a religião seus fiéis.

No Renascimento, com o desenvolvimento intelectual da época e estabilidade na economia, as coleções eram mais voltadas para a cultura. Seus donos as exibiam para serem estudadas e admiradas por estudiosos que, por vezes, eram convidados a examiná-las. Com isso, o conteúdo das coleções passou a ter mais qualidade. As exibições ao público ainda não existiam, esse tipo de evento ainda contava com as igrejas para apreciação de obras de arte e raridades.

Contudo, o interesse pela antiguidade clássica fez resgatar antigas esculturas do Império Romano, recuperadas e por possuir dimensões próprias para locais abertos, passam a serem exibidas em locais públicos, dando acesso popular a essas obras¹⁰.

⁹ Esses dois parágrafos foram baseados num artigo disponível no site www.ecclesia.pt/bensculturais.

¹⁰ Parágrafos retirados da monografia de Marília Gabriella de Magalhães da Mota da UFRB)

A Igreja Nossa Senhora de Belém, tem uma forte relação com os museus, por ser um local também de visitação e contemplação de bens religiosos e de apreciações artísticas. O museu contemporâneo, segundo Chagas e Nascimento (2006, p13), concilia diversas funções, sendo percebido como “casas de memória”, relacionando a a es preservacionistas; “lugares de referência”, por trazer representações simbólicas universais, nacionais, regionais, locais, étnicas e /ou individuais; e “espaço de mediação ou comunicação”, por oferecer atividades para o público em geral.

Atualmente existem vários tipos de museus, entre essas tipologias está o que se convencionou chamar de Museu Histórico, onde se insere a Igreja / Memorial, objetos deste estudo, uma vez que abriga não apenas a história do próprio edifício, mas também a história de personalidades da nossa história que por ali passaram.

2.2- Vida e contribuições de Bartholomeu Lourenço de Gusm o¹¹

No final do século XVII, havia uma família pobre da Vila de Santos, tendo doze filhos, seis mulheres e seis homens. E foi nessa família que o padre jesuíta Bartholomeu Lourenço de Gusmão nasceu em dezembro de 1685 na Vila de Santos, São Paulo. Os nomes de seus pais eram Francisco Lourenço e Maria  lvares. Foi batizado com o nome de Bartholomeu Lourenço, mais adiante modificou seu nome para Bartholomeu, acrescentando ainda o nome Gusmão em homenagem ao seu tutor e amigo, o padre Alexandre de Gusmão.

Segundo Trindade e Trindade, Bartholomeu fez seus primeiros estudos em Santos, seguindo posteriormente para a Bahia onde entrou no Seminário Belém, fundado por Alexandre de Gusmão, para concluir seus estudos em humanidades. A  mostrou desde cedo o seu interesse e a sua aptidão pela Física. Não se deteve apenas na teoria e mostrou seu espírito inventivo quando resolveu o problema da eleva o da água a 100 metros de altura, no Seminário Belém, desenvolvendo uma máquina para tal evento e para a qual obteve um alvará. Desta forma os escravos não necessitavam mais carregar água até o topo do morro. A edificação, situada

¹¹ Fonte: dados retirados do artigo de Diamantino Fernandes Trindade; Laís dos Santos Pinto Trindade. OS PIONEIROS DA CIÊNCIA BRASILEIRA: BARTHOLOMEU DE GUSMÃO, JOSÉ BONIFÁCIO, LANDELL DE MOURA E D.PEDRO II.

sobre um monte de cem metros de altura, possuía precário abastecimento de água, que tinha que ser captada e transportada em vasos a partir de um brejo subjacente.

Para Trindade & Trindade, seguindo os conselhos de Alexandre de Gusmão, filiou-se à Companhia de Jesus. Como não aceitava a rigidez do seminário, que impedia os seus estudos científicos, pediu autorização para tornar-se padre secular. Foi ordenado em 1708, em Lisboa.

E no dia 8 de agosto de 1709, na sala dos embaixadores da Índia, ante de D. João V, da Rainha e membros do corpo diplomático e autoridades eclesiásticas, Bartholomeu fez elevar a 4 metros de altura um pequeno balão de papel pardo grosso, cheio de ar quente produzido por combustível resinoso e abafando uma tigela de barro incrustada na base de um tabuleiro de madeira. Apesar disso, dois criados da corte, com medo de que o fogo atingisse as cortinas extinguiram o balão. Apesar dessa atitude dos criados, o experimento foi um sucesso, impressionando muito o rei e os demais convidados.

Bartholomeu, o padre voador, continuou seus experimentos, quase todos bem sucedidos, com balões de maior envergadura. Mostrou que era possível fazer um balão voar. No entanto, não foi capaz de continuar com as suas pesquisas, nem de encontrar seguidores. A principal razão foi o fato de que a Corte e o povo esperavam que ele usasse o balão para ele próprio voar e ele apenas pretendia demonstrar que e isso era possível, usando um modelo em escala. Esperava poder despertar o interesse de investidores para o seu empreendimento. Somente em 1783, os irmãos Montgolfier realizaram seu vôo épico em Paris.

Bartholomeu era muito astuto e aceitava os trabalhos de Descartes, Leibniz, Newton, Bernoulli e outros. Desenvolveu estudos em várias áreas do conhecimento: Matemática, Física, Filologia, Química e Astronomia.

2.3 - De Seminário dos Jesuítas a Santuário do Frei Galvão¹²

A Igreja de Belém é distinta das outras dos distritos da Cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, por diversos aspectos. Além de seu valor histórico, é um excepcional exemplar da arquitetura religiosa, tombada à nível federal desde 1938,

¹² Ver: JÚNIOR, Alfredo Pinto, **Belém da Cachoeira**: De Seminário dos Jesuítas à Santuário de Frei Galvão. Folha do orago, 2008, p. 03.

destacando-se entre os templos de grande valor histórico e cultural para a história do Brasil e como já foi mencionado é o único vestígio que resta do Seminário dos Jesuítas, atualmente ela é conhecida como Santuário Arquidiocesano Santo Antônio de Sant'Anna Galvão.

A Igreja de Belém passou bastante tempo sem realizar muitas atividades, somente às orações comuns com a participação de poucos moradores e às missas dominicais que aconteciam uma vez a cada mês, porém, a partir do momento que foi elevada à categoria de santuário, a Igreja Nossa Senhora de Belém hoje realiza várias atividades, além de atrair visitantes de diversas partes do Brasil e do mundo.

Por ser o local que acolheu como estudante Antonio de Sant'Anna Galvão, o qual posteriormente foi canonizado e denominado primeiro santo brasileiro, a Igreja de Nossa Senhora de Belém foi elevada à **Santuário Arquidiocesano Santo Antônio de Sant'Anna Galvão** (Decreto 005/07) em 20 de julho de 2007, pelo Cardeal Arcebispo de São Salvador da Bahia, Dom Geraldo Majella Agnelo. Este foi um fator determinante para o resgate das celebrações e festas populares locais. Desde então, a Sociedade Mantenedora do Santuário (SMS), ou seja, criação católica, de caráter caridoso, responsável pela manutenção e organização das atividades do Santuário, fundada em 8 de junho de 2008, juntamente com seu reitor o Cônego Hélio Cezar Leal Vilas Boas, procura com insistência dar atenção à instituição, através das muitas atividades culturais que promove. Dentre elas podemos destacar a Caminhada Ecológica e o Terno de Reis, esta última incide no mês de janeiro, encerrando as festividades do Natal do Senhor. Sendo assim, tal evento não possui uma data fixa, mas acontece sempre num sábado que sucede a festa litúrgica da Epifania do Senhor. Para esta festa, a comunidade de Belém se organiza e prepara as alas do terno, bem como as fantasias e adereços. Já no mês de outubro, no período que se celebra a festa litúrgica do santo, o Santuário Arquidiocesano de Santo Antônio de Sant'Anna Galvão, promove a Caminhada Ecológica "Nos passos de Frei Galvão", percorrendo o caminho trilhado pelo jovem, quando chegara no Porto de Cachoeira, em 1752 rumo ao Seminário dos Jesuítas na Vila de Belém. São aproximadamente 13 km, percorridos com muita fé e animação pelos romeiros de Cachoeira e outras cidades¹³.

¹³ CRUZ, Cid José da; GOMES, Aline de Souza; OLIVEIRA, Jônatas Silva de; PUGAS, Adeilson dos Santos; SANTANA, Maria Conceição de. Igreja de Belém – estudo e avaliação de público. Cachoeira: UFRB, 2011.

Outra atividade praticada na igreja são as missas dominicais, realizadas no último domingo de cada mês, dedicadas ao Frei Galvão, nas quais são distribuídas pílulas às pessoas que querem alcançar alguma graça. Essas pílulas foram criadas por Frei Galvão; São pedaços de papel enrolados onde está escrito uma oração à Virgem Maria.

Segundo Amaral (1998) essas pílulas são fabricadas até hoje pelas 14 religiosas que vivem enclausuradas no mosteiro da Luz, fundado por Frei Galvão em 1774¹⁴.

2.4 - A criação do Memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão

No espaço, além da igreja em estilo barroco, funciona também um Memorial que conta a história do Bartholomeu Lourenço de Gusmão, inaugurado há quase dois anos por iniciativa do professor Adinoel Maia professor da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia. Segundo uma entrevista Adinoel Motta Maia diz que:

Como professor de "Evolução dos Transportes" e de "Aeroportos", na UFBA, sempre tive entre os meus assuntos programáticos dos cursos dessas disciplinas, a questão de quem deu o primeiro passo para o vôo do homem. Assim, resolvi comemorar o tricentenário da primeira ascensão de um artefato, com recursos próprios, feito pelo homem, que aconteceu, comprovadamente, em 5 de agosto de 1709, em Lisboa, conforme artigos que publiquei, baseados em extensa bibliografia.

O professor Adinoel Maia fez propostas a duas instituições das quais ele é membro, ao Gabinete Português de Leitura e ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, para participarem do projeto de construção do Memorial. Ambos apoiaram a idéia da construção do Memorial, que conforme Adinoel foi "o homem que pela primeira vez fez subir um artefato com recursos próprios, que então não tinha nome e era considerado apenas como "globo de papel".

Conforme a entrevista realizada com o professor Adinoel, a criação do memorial somente foi possível, após, ele conseguiu provar, que, antes da demonstração pública de 1709, esse globo voou na Bahia e o menino Bartholomeu já realizava experiências científico-tecnológicas no seminário jesuíta de Belém da

¹⁴ Luís Henrique Amaral – reportagem Folha de São Paulo, domingo, 25 de outubro de 1998 – Editoria de Arte/Folha Imagem.

Cachoeira, onde ele era aluno, “fomos a Cachoeira e conversamos com o Padre Hélio, que aceitou a proposta de fazer esse memorial na Igreja de Belém, subordinada à sua Paróquia.”

Exatamente no dia cinco de agosto de 2009, foi inaugurado o Memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão na Igreja do antigo Seminário de Belém, onde o professor Adinoel deu uma palestra, promovida pelo gabinete Português de Leitura e o apoio do IGHB – Instituto Geográfico e Histórico da Bahia – e da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado da Bahia, sendo colocada uma placa comemorativa.

O memorial é formado pela própria Igreja de Belém da Cachoeira, por ser a Igreja do Seminário jesuíta, no qual o menino Bartholomeu Lourenço (ainda não era de Gusmão) estudou e realizou seus primeiros inventos, inclusive o "globo de papel" que voava com recursos próprios, assim como sua praça fronteiriça. Assim, para o fundador do Memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão, é, portanto, da maior importância, que o IPHAN conclua a restauração daquele monumento histórico e artístico nacional (e sua praça), palco da invenção do primeiro aeróstato (primeiro artefato humano a elevar-se no ar com recursos próprios), a partir do qual se construiu o balão de ar quente no qual o homem realizou seu primeiro vôo.

O memorial também é constituído por painéis de parede pertencentes à própria Paróquia e outros, emprestados pela Escola Politécnica da UFBA, com textos e imagens documentando a trajetória de Bartholomeu Lourenço e suas realizações.

Atualmente, encontra-se no Memorial, uma cópia encadernada da obra mais importante que já se escreveu sobre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, de autoria do Professor da Escola Politécnica de São Paulo (já falecido) Engenheiro Affonso de Taunay: *Bartolomeu de Gusmão: Inventor do Aeróstato*. Volume oferecido pelo Gabinete Português de Leitura de Salvador e vários outros objetos e documentos.

Vale ressaltar, que o memorial além de se enquadrar em um museu de história por contar a história do Padre cientista Bartholomeu Lourenço de Gusmão, pode ser considerado como um museu de ciência e tecnologia, pois relata as invenções desse cientista.

É importante salientar aqui as semelhanças e diferenças entre o museu e um memorial: Segundo Barcellos (1999) um memorial, conceitualmente, serve para homenagear alguém. Por mais que possam ser inseridos dentro da definição de museus do ICOM, segundo este autor, um memorial é uma “[...] *instituição a serviço*

*de fins específicos [...]” (op.cit.: 8) Contrapondo-se a noção de museu da Declaração de Santiago (ICOM, 1995) onde essas instituições estão a serviço da sociedade, que adquire, comunica e expõe testemunhos em geral. Por mais que essa modalidade institucional possa exercer algumas funções de museu, elas expõem *testemunhos específicos*.¹⁵*

¹⁵ **PUBLICIDADE E PROPAGANDA NOS MUSEUS PELOTENSES: QUAL É A IMAGEM “VENDIDA” POR ESSAS INSTITUIÇÕES?** Matheus Cruz. Museologiaufpel.files.wordpress.com. Acesso em 08 de fevereiro de 2012.

CAPÍTULO 3

3 O TRABALHO DE CAMPO

3.1 A Interpretação dos dados

A técnica empregada na pesquisa foi a avaliação de público, sendo também caracterizada como estudo de caso de natureza qualitativa e quantitativa de caráter descritivo. Para atender aos objetivos da pesquisa foram utilizadas diferentes estratégias, tais como:

Fotografias de vários locais da instituição e visita ao memorial construído no interior da Igreja da vila de Belém-BA, em homenagem ao Padre cientista Bartholomeu Lourenço de Gusmão por ter estudado no antigo Seminário de Belém.

Para um maior embasamento nas discussões teóricas do trabalho e na análise dos resultados, foram realizados levantamentos bibliográficos de fontes secundárias pertinentes ao tema proposto; verificados nas bibliotecas universitárias da UFRB/CAHL e UFBA, em fontes como: livros, artigos, e outros. Também foram consultados outros recursos tais como: jornais, revistas e em sites oficiais durante o desenvolvimento da pesquisa até a elaboração final da monografia.

Como instrumento de pesquisa, utilizou-se o questionário, a entrevista semi-estruturada e a observação. Através de conversas informais com funcionários da Igreja do Santuário de Frei Galvão e Memorial de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, foi possível saber o grau de visitação da comunidade na qual estão inseridos; e com pessoas responsáveis pela administração da instituição, foram obtidos dados sobre a gestão e uso da mesma. Além disso, foi feita observação local e do livro de assinaturas dos visitantes da instituição, onde pudemos ter uma percepção dos visitantes.

Ao ser percebido através das entrevistas e observações, que há uma falta de conhecimento por parte da população da existência de um memorial no interior da Igreja, foram aplicados questionários aos visitantes de outras localidades, durante os meses de agosto, setembro e outubro de 2011, sempre no último domingo de cada mês, quando acontece uma missa dedicada ao *Santo Antônio de Sant'anna Galvão*. Os questionários correlacionam detalhadamente com uma série de variáveis, tais

como: categoria sócio-profissional, nível de escolaridade, profissão, renda, sexo, religião, local de residência, faixa etária, influência familiar e de amigos para a visita, motivo declarado da visita, juízo emitido sobre a instituição visitada.

Outros sujeitos dessa pesquisa foram os alunos e professores da Escola Padre Alexandre de Gusmão. Dessa forma, outra parte da coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de um questionário, direcionados a estudantes de três turmas do ensino fundamental da Escola. O questionário é composto por 15 questões, sendo que em três delas o entrevistado tem a oportunidade de se expressar livremente. Ainda para alcançar este objetivo, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com cinco professores da mesma escola.

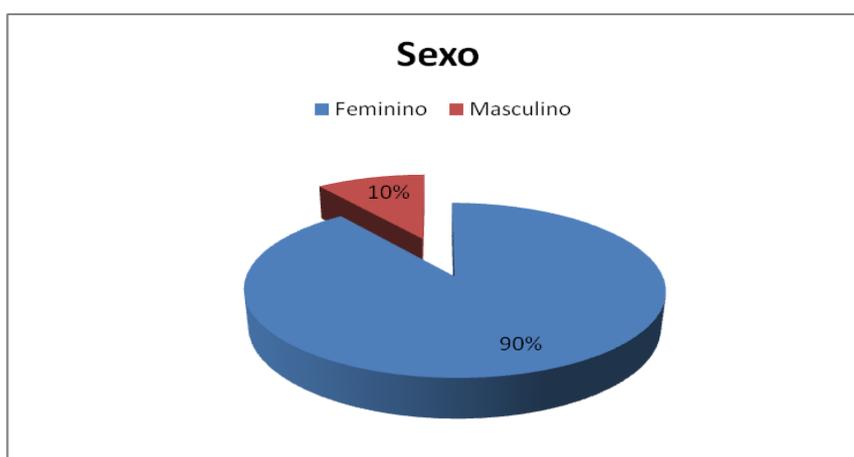
O motivo desse recorte na pesquisa é por acreditar na relevância desse período escolar para o processo de aprendizagem dos alunos a respeito da história local e do reconhecimento da importância desse patrimônio.

No último momento do trabalho de campo foram realizadas entrevistas com moradores e representantes da cultura local.

3.1.1 Visitantes de outras localidades

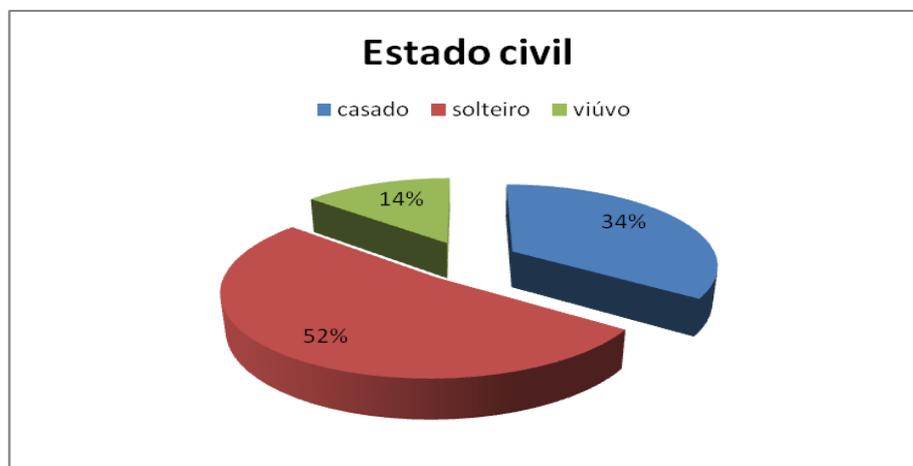
Através da observação foi verificado que a instituição não recebe muitas visitas, daí aproveitou-se os últimos domingos de cada mês quando havia a missa dedicada a Santo Antônio Galvão e entrega das pílulas, quando o fluxo de visitantes aumenta de modo significativo, para aplicar o questionário com o objetivo de analisar o patrimônio sob o olhar turístico, verificando não somente as condições de preservação do bem, mas também as condições de visitação. Tais como os elencados abaixo. Com as respostas explicitadas, respectivamente, sob a forma de gráficos, para melhor esclarecimento.

Gráfico 1:



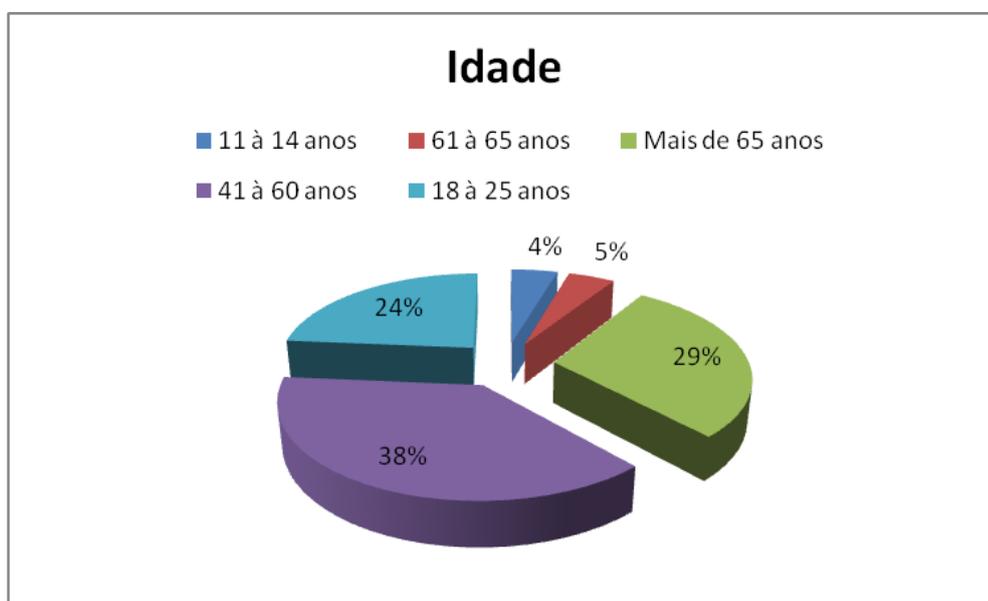
No gráfico 1 verifica-se que 90% dos entrevistados são do sexo feminino e apenas 10% são do sexo masculino.

Gráfico 2:



O gráfico mostra que 52% dos entrevistados são solteiros.

Gráfico 3:



Em relação à idade foram identificadas as seguintes faixa etárias: de 11 a 14 anos, de 18 a 25 anos, de 41 a 60 anos, de 61 a 65 anos e mais de 65 anos.

A maior parte dos visitantes é de adultos de 41 a 60 anos (38%) e mais de 65 anos (29%), sendo muito pequena a presença dos jovens e crianças de faixa etária entre os 11 a 25 anos.

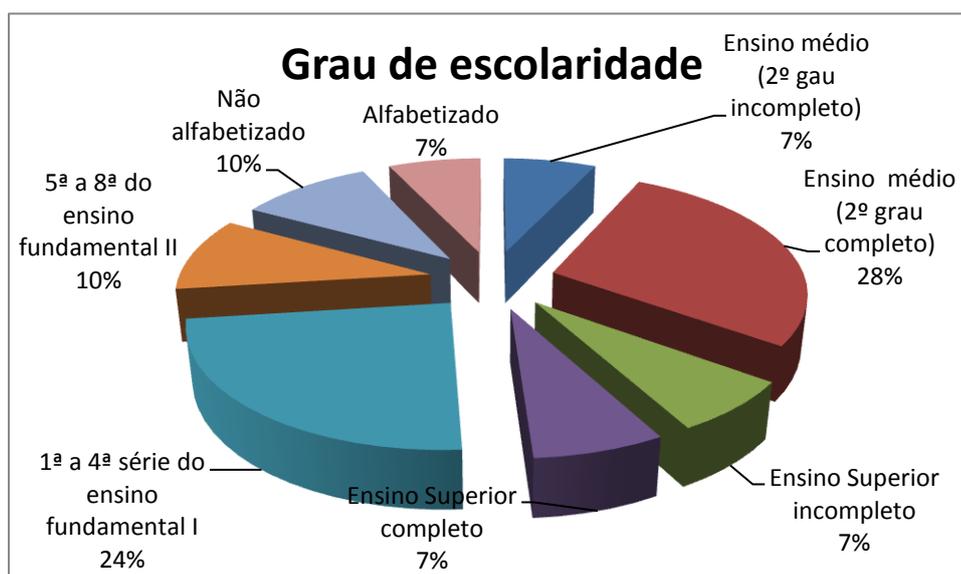
Gráfico 4:

Os dados mostram que 66% dos entrevistados não estão exercendo atividade remunerada, apenas 34% a exerce.

Gráfico 5:

Dos que não exercem atividade remunerada, 32% são aposentados, 26% não trabalham, 21% são domésticas, 16% são estudantes e 5% pensionista.

Gráfico 6:



A respeito da escolaridade, 28% tem o ensino médio completo e 24% estudou da 1ª a 4ª série do ensino fundamental, 10% estudou da 5ª a 8ª série do ensino fundamental, 7% apenas é alfabetizado e 7% tem o ensino superior completo sendo também 7% aqueles que têm o ensino médio incompleto e 7% os que tem o ensino superior incompleto. É significativo o número de idosos que não é alfabetizado, 10% do percentual.

Uma vez percebida o grau de escolaridade dos visitantes, pode-se questionar como isso se relaciona com a frequência ao MBLG. Pois segundo as pesquisas realizadas por Pierre Bourdieu e Alain Darbel, com o público visitante de museus da Europa, e cujos resultados foram apresentados em sua obra *O Amor Pela Arte: os museus de arte na Europa e seu público*, mostra que o acesso às obras culturais é um privilégio daqueles que possuem maior grau de escolaridade. Podemos levantar a hipótese que a situação do Brasil não é diferente, ou seja, quem tem mais acesso aos meios culturais, geralmente pertence às elites. A necessidade de visitar equipamentos culturais pouco existe nas pessoas menos cultas. Bourdieu e Darbel (2003, p. 69) afirmam que a “necessidade cultural” que, diferentemente das “necessidades básicas”, é produto da educação: daí, segue-se que as desigualdades diante das obras de cultura não passam de um aspecto das desigualdades diante da Escola que cria a “necessidade cultural e, ao mesmo tempo, oferece os meios para satisfazê-la.

Verifica-se que, quem tem acesso aos bens culturais são aquelas pessoas que possuem mais espaço à educação, pois, a educação completa o indivíduo e aquelas pessoas as quais falta espaço à educação não se interessam muito em visitar e apreciar bens culturais e históricos. É como afirma Bourdier na citação supracitada, apesar desse acesso ser essencial a todas as pessoas independentemente da classe social ou da escolarização.

Gráfico 7:



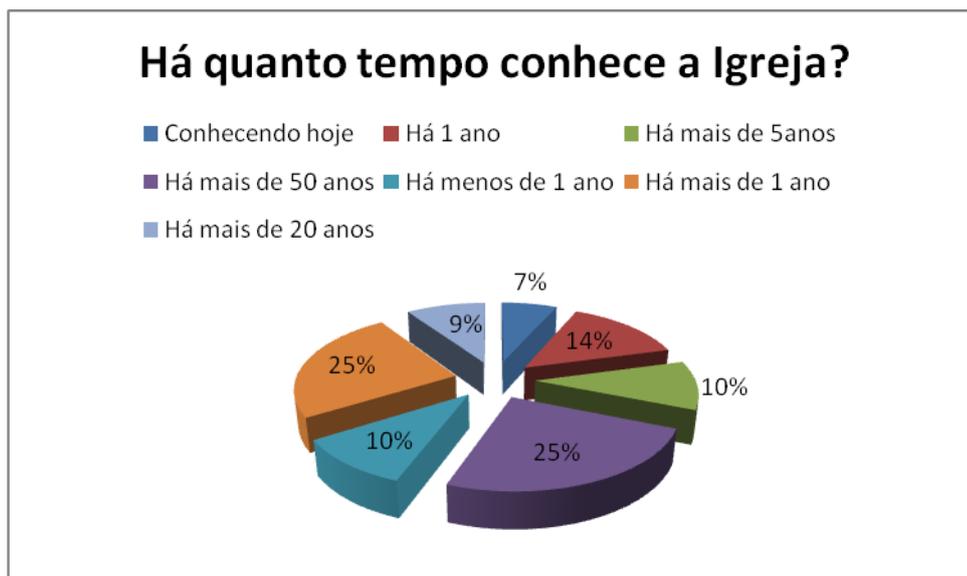
No gráfico 7, verifica-se que a grande maioria dos visitantes (90%) já esteve na Igreja.

Gráfico 8:



A respeito do conhecimento da Igreja 48% dos entrevistados afirmaram que ficaram sabendo da mesma através de amigos, 22% por recomendações de familiares, 7% ficaram sabendo por recomendações de professores, 3% através da TV ou rádio, sendo que 21% escolheram a opção outros.

Gráfico 9:



Em relação ao conhecimento da existência da Igreja ainda convém lembrar que a pesquisa foi aplicada nos meses de agosto a outubro de 2011, sempre no último domingo de cada mês, quando a Igreja recebe um elevado número de visitas devido a missa dedicada ao Santo Antonio de Santana Galvão, que acontece desde que a Igreja foi elevada à **Santuário Arquidiocesano Santo Antônio de Sant'anna Galvão** em 20 de julho de 2007, essa informação é importante para a interpretação do gráfico 9. Tirando os que já conhecem desde criança, a maioria afirmou saber sobre a existência da Igreja há mais de 1 ano, entre 2 à 4 anos (25%). Acredita-se que isso se deve à ampla divulgação do Santuário que foi implantado há quatro anos após a canonização do Santo Antônio de Sant'anna Galvão e pelo fato dele ter estudado no antigo Seminário de Belém. Outros 25% disseram já conhecer há mais de 50 anos desde criança quando iam para as missas com seus pais. Apenas 7% dos entrevistados afirmaram ter ficado sabendo da Igreja naquele mesmo dia.

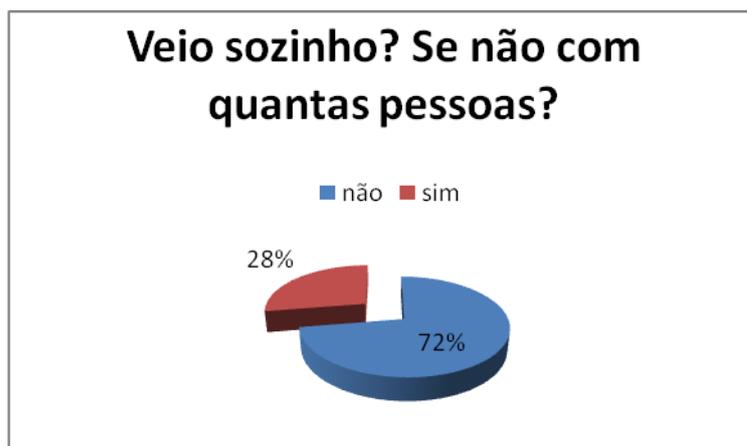
Gráfico 10:

Um dado a ser ressaltado sobre o Memorial é a respeito de sua divulgação. Diferente da Igreja, que a maior parte dos entrevistados já conhece, devido à divulgação do Santuário de Santo Antônio de Sant'anna Galvão, além de não ser divulgado a presença de um Memorial no interior da Igreja, a edificação não contém informações suficientes em seu exterior e interior, fato que dificulta até mesmo o conhecimento do público a respeito do local. Dessa forma, percebe-se que 97% dos entrevistados afirmam não conhecerem o Memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão e apenas uma pessoa respondeu já conhecer.

Gráfico 11:

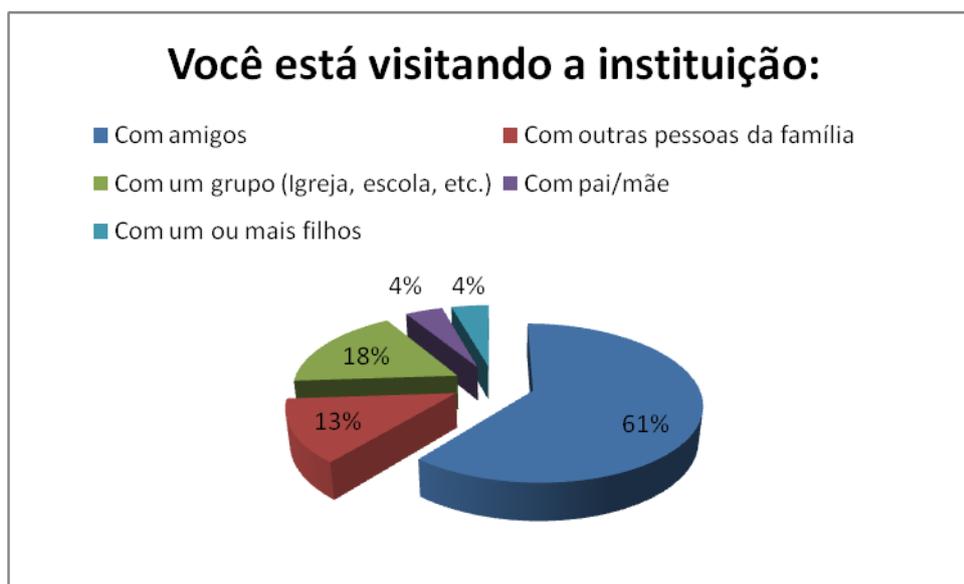
Através da análise do gráfico 11, podemos perceber que a identificação do público está mais com o culto religioso que lá ocorre do que com a edificação. Como podemos observar, 93% afirmam visitar a instituição por motivo religioso enquanto que uma pessoa disse que foi para acompanhar amigos e outra afirmou ter ido para se divertir.

Gráfico 12:



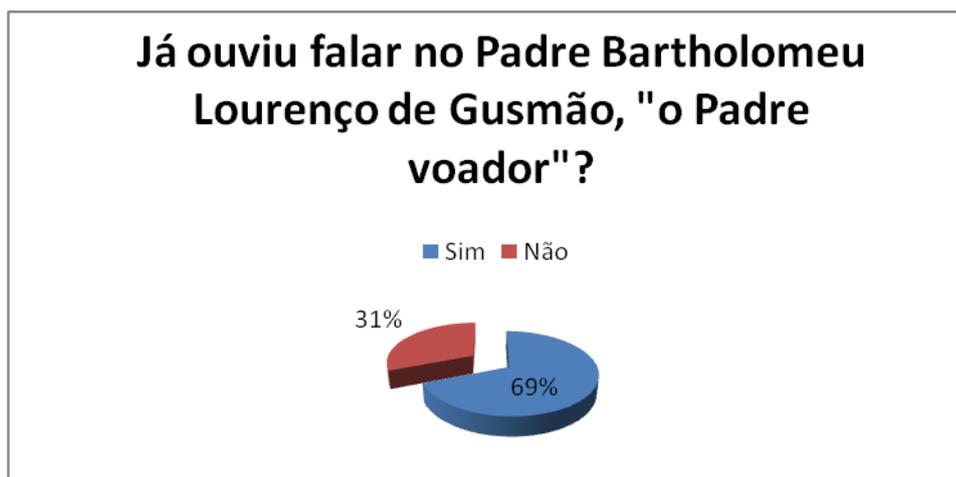
Dos entrevistados 72% estavam acompanhados, uns com pessoas da família 3 a 4 pessoas outros em excursões com 12 a 20 pessoas.

Gráfico 13:



Entre os 72% dos entrevistados acompanhados, 61% estavam com amigos, 18% com grupos de excursão e 13% com pessoas da família, 4% com um ou mais filhos e 4% restante com pai/mãe.

Gráfico 14:



A grande maioria dos entrevistados (69%) já ouviu falar no Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, "o Padre voador".

Gráfico 15:



Quando foi perguntado se os respondentes pretendiam retornar à instituição, 100% disse que sim, quase todos responderam que retornariam por motivo religioso, só uma pessoa respondeu que pretende voltar para visitar o "Santuário de Frei Galvão". Sendo que nenhuma pessoa citou o Memorial anexo à Igreja.

✓ LOCAL DE RESIDÊNCIA

No que diz respeito a procedência dos visitantes, verifica-se que das mais diversas localidades provém os visitantes da Igreja Nossa Senhora de Belém, dentre estas, Muritiba, Conceição da Feira, Santo Amaro da Purificação, Cachoeira e localidades próximas– conseqüentemente deslocaram-se de longe para visitar a Igreja e participar das cerimônias religiosas que lá ocorrem.

✓ AVALIAÇÃO SOBRE OS SERVIÇOS OFERECIDOS NA INSTITUIÇÃO

Os serviços avaliados foram considerados entre bons e regulares, tais como: atendimento prestado pelos funcionários (monitoramento); conforto (banheiro disponível, lojinha, bebedouros, etc.); acolhimento (receptionista, monitor), sendo que 96% dos entrevistados não avaliaram as informações e explicações disponíveis (painéis, textos) no memorial, afirmando não ser possível fazer esta avaliação pelo fato de não conhecerem o Memorial, exceto uma pessoa que os avaliou como bons.

✓ SUGESTÕES PARA MELHORIA DA INSTITUIÇÃO

Ao serem questionados sobre quais as suas sugestões para a melhoria da instituição, a maioria das respostas foi a restauração urgente do edifício. Alguns ainda responderam a sinalização para melhorar o acesso à instituição, divulgação do memorial e informativos enfatizando a história local.

3.1.2 O uso da edificação enquanto patrimônio: Interpretação dos questionários

Nota-se que, apesar de haver depoimentos em conversas informais sobre a falta de divulgação do Memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão, tanto dos administradores do local quanto do público, percebe-se que se houvesse uma boa divulgação, o local poderia ser tão visitado quanto a Igreja que recebe visitantes de várias pessoas do Recôncavo da Bahia.

Outra questão pertinente a esse respeito sobre o uso da edificação enquanto Patrimônio é que não se encontram muitas informações que contribuam para os visitantes entender o edifício como um equipamento cultural, que os leve a pensar

acerca da edificação enquanto parte integrante da história do município. Fato esse, que pode vir a explicar a falta de visitantes no local que não seja por questões religiosas. A edificação está inserida na história local, pois a vila de Belém surgiu graças ao Seminário dos jesuítas e da Igreja Nossa Senhora de Belém, erguida juntamente com o Seminário, como indica seu nome (Belém). Entretanto, o que é mais explorado na exposição de banners do Memorial é a vida do Padre cientista Bartholomeu Lourenço de Gusmão e seus feitos. O histórico da edificação que deveria estar exposto no memorial se encontra na sacristia da Igreja, onde o fluxo de visitantes também é bastante pequeno.

Outra coisa a ser comentada a respeito da Igreja do antigo Seminário de Belém é sobre a forma como ocorre sua divulgação. Percebemos que a maior parte do público visitante da igreja que respondeu o questionário afirmou que ficou sabendo da igreja por meio de amigos. Isso mostra que essas pessoas vão às missas e aos eventos da Igreja, gostam e indicam aos seus amigos.

Vale ressaltar que a quantidade de informações presentes na fachada da igreja é insuficiente se a compararmos com as outras edificações estudadas, que são identificadas quanto ao tipo de estabelecimento e atividades que oferecem. Ou seja, quem visita a Igreja não fica sabendo que na sua parte superior existe o Memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão que conta a vida e feitos de Bartholomeu Lourenço de Gusmão nem o Santuário Arquidiocesano Santo Antônio de Sant`Anna Galvão que conta a vida do Frei Galvão e a história local.

Ainda citando a respeito da divulgação do Memorial, esta deve ser feita levando em consideração também, os usos da edificação. Devido ao fato de o espaço ser muito utilizado como local de culto religioso deve-se atentar para que a divulgação dos eventos, exposições entre outros, contribua para a convivência entre fiéis e visitantes.

3.1.3 A Escola Padre Alexandre de Gusmão

A escola onde foi aplicado o estudo de público é uma escola Estadual localizada na vila de Belém, que possui funcionários concursados e contratados tais como: diretor, vice- diretora, professores, auxiliares de serviços gerais e secretarias. A escola trabalha com ensino fundamental e médio funcionando em dois turnos (matutino e vespertino). A mesma funciona das sete horas da manhã às dezessete e

quarenta da tarde. É a única instituição pública de ensino a oferecer o ensino fundamental de nível II na vila de Belém e leva o nome do fundador da Igreja do antigo Seminário de Belém, Patrimônio este de grande relevância para a história da vila.

A Escola Padre Alexandre de Gusmão foi criada pelo Governo Estadual por decreto 16.360, publicado no Diário Oficial de 12 de novembro de 1986, tendo como objetivo oportunizar a educação dos jovens residentes na vila de Belém bem como em toda circunvizinhança.¹⁶ Vale ressaltar que a escola foi fundada como extensão do Colégio Estadual da Cachoeira na gestão do diretor Álvaro, quando tornou-se independente seu primeiro diretor, como nos tempos do Seminário, foi um Padre evangelizador, o Padre Hélio César Leal Vilas-Boas, passando-se a chamar “Escola Padre Alexandre de Gusmão”.

A escolha por esta escola, é por ser a única da vila que atende o ensino fundamental II e por levar o nome do fundador do objeto de estudo desta monografia: A Igreja do antigo Seminário de Belém da Cachoeira.

3.1.3.1 Espaço Físico

A escola Padre Alexandre Gusmão possui cinco salas de aula, uma cozinha com refeitório, um arquivo morto, dois almoxarifados, dois banheiros (um masculino e um feminino), uma sala de professores, uma diretoria, uma secretaria, uma dispensa, uma cozinha e um pátio externo. Além de estudantes da própria vila, a escola atende alunos das comunidades circunvizinhas.

3.1.4 Relato da experiência

O primeiro passo para a realização deste estudo foi à apresentação do projeto para a direção da escola, professores, funcionários e para as turmas da sexta, sétima e oitava série da Escola Padre Alexandre de Gusmão, o segundo e último passo foi à aplicação de um questionário aos alunos das sexta, sétima e oitava série do ensino fundamental e entrevistas semi-estruturadas com cinco professores, este

¹⁶ Informações retiradas de um convite confeccionado pela professora Noêmia Veríssima Lima, no dia 14 de agosto de 1989, em comemoração a Semana do Estudante da Escola Padre Alexandre de Gusmão.

recorte na pesquisa tem o objetivo de verificar, o nível de conhecimento de alunos e professores da Escola Padre Alexandre de Gusmão sobre patrimônio cultural e a relação com os bens culturais da vila, fontes de grande relevância para o estudo.

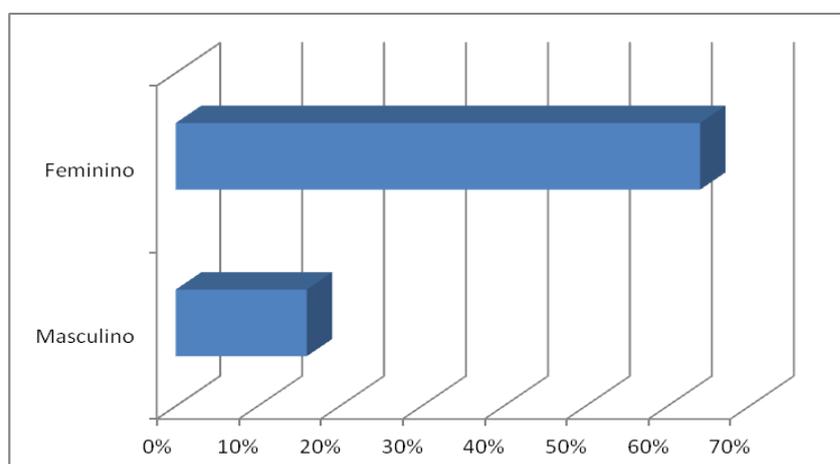
Vale ressaltar que a boa receptividade da direção, alunos, professores e funcionários da escola, ao entrar em campo foi de grande relevância, todos os sujeitos participantes da pesquisa (alunos e professores) mostraram bastante interesse em participar da mesma. Vale lembrar que antes de ser aplicado o questionário aos alunos e realizar as entrevistas com os professores, houve um primeiro contato com ambos, objetivando apresentar a pesquisa e conhecê-los. Nesta fase foram explicados os objetivos da pesquisa, deixando claro, que o desenvolvimento desta dependeria da integração e participação de todos.

No primeiro momento o questionário aplicado aos alunos foi um método importante para pensarmos como a idéia de patrimônio surge para esses educandos. No segundo momento em contato direto com os professores foi essencial para trazer concepções dos mesmos para as questões relacionadas a história local e ao patrimônio, já que ambos têm um distanciamento em relação a Igreja e ao Memorial, podendo ser chamados como público em potencial.

O conhecimento do perfil do corpo discente não serve somente para conhecer melhor os estudantes que participaram da pesquisa. Mas também pode contribuir para o processo de formulação de políticas administrativas e acadêmicas. Dessa forma, elaborou-se três perguntas, para que também a instituição tomasse conhecimento de seus alunos.

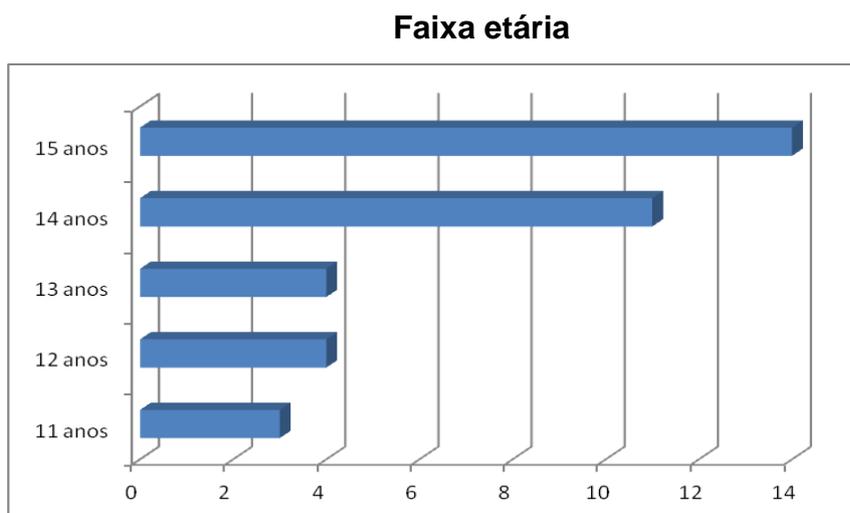
Abaixo vejamos alguns dados coletados com o questionário aplicado aos alunos:

Gráfico 1:



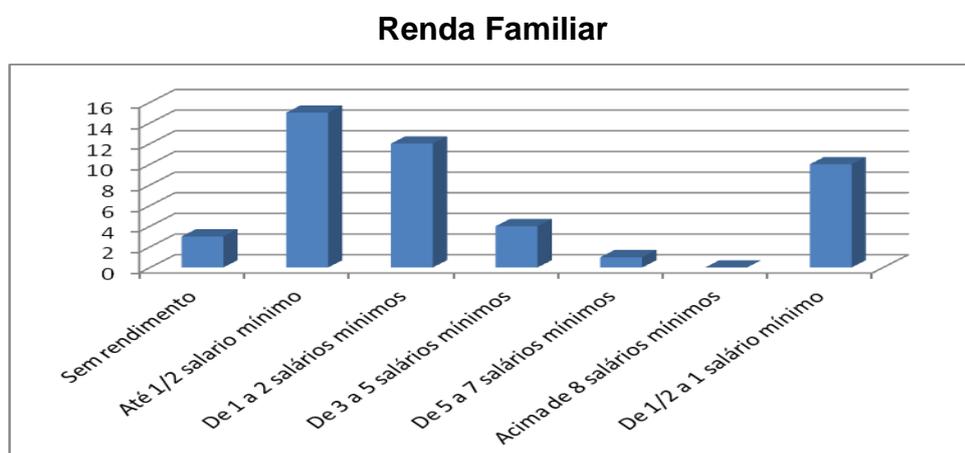
Podemos notar através do gráfico que unanimemente o que predomina na Escola Padre Alexandre é o sexo feminino com 64%, sendo que o sexo masculino são apenas 16% dos entrevistados.

Gráfico 2:



Quanto às faixas etárias dos estudantes que participaram da pesquisa, apresentadas na tabela 2, observa-se que 39% do total daqueles que responderam ao questionário têm idade de 15 anos, 31% dos estudantes possui 14 anos, 11 % está distribuído entre as faixas etárias de 12 a 13 anos, e apenas 8% dos estudantes possui 11 anos.

Gráfico 3:



Quanto à renda familiar, observa-se que 33% dos entrevistados tem renda familiar de até $\frac{1}{2}$ salário mínimo alguns dizem que há meses que nem chega até isso; 27% estão na faixa de 1 a 2 salários mínimos, 22% de $\frac{1}{2}$ a 1 salário mínimo mensal, 9% de 3 a 5 e apenas 2% de 5 a 7, nenhum dos entrevistados escolheu a alternativa acima de 8 salários mínimos.

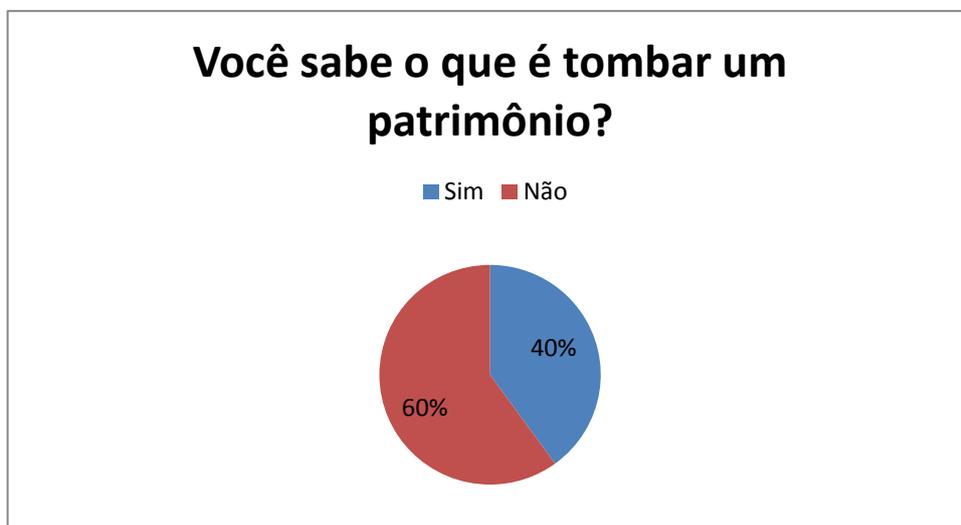
Gráfico 4:



Patrimônio cultural é nossa herança deixada pelos nossos pais, a nossa maneira de falar e agir, as nossas festas tradicionais, os monumentos, as imagens, os documentos dos arquivos, as edificações antigas e também as novas que têm uma importância para nossa história.

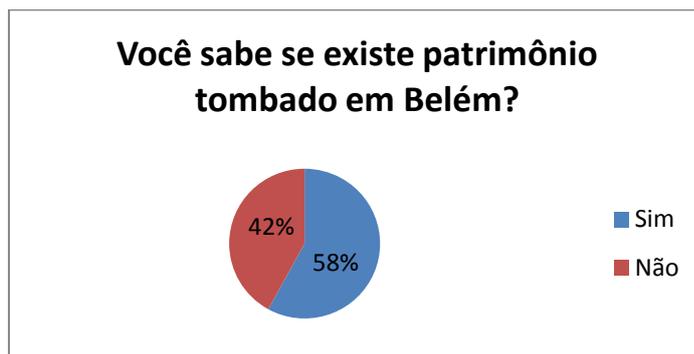
Os discentes, quando questionados sobre o que eles entendem por patrimônio histórico, apenas 49% têm uma ideia do que seja.

Gráfico 5:



O tombamento é um instrumento utilizado para proteger um bem cultural. Quando uma casa, ou uma imagem, documento ou praça é tombado, não pode ser destruído ou ser modificado sem autorização dos órgãos de preservação. Percebe-se que 60% dos entrevistados, revelaram que não sabia.

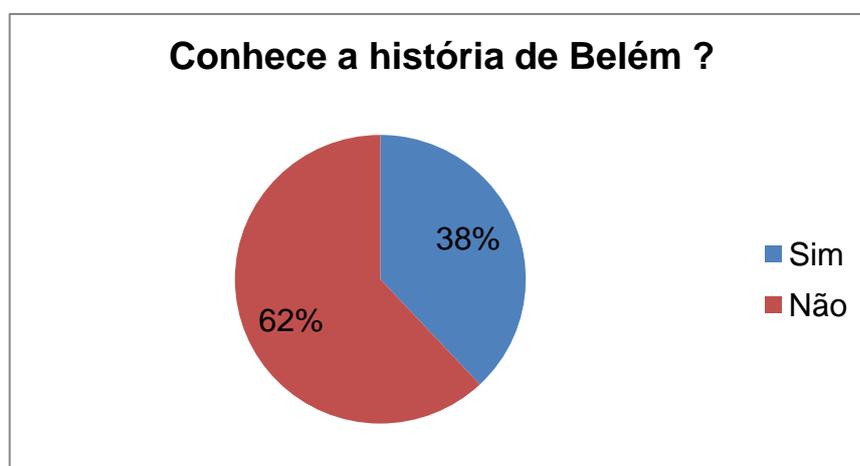
Gráfico 6:



Na vila de Belém o único patrimônio tombado que existe é a Igreja de Belém, objeto deste estudo.

A informação principal desses dados foi a quase igualdade entre os que sabem se existe um patrimônio tombado em Belém e os que não sabem. Nota-se que 58% sabem que existem enquanto que 42% não sabem.

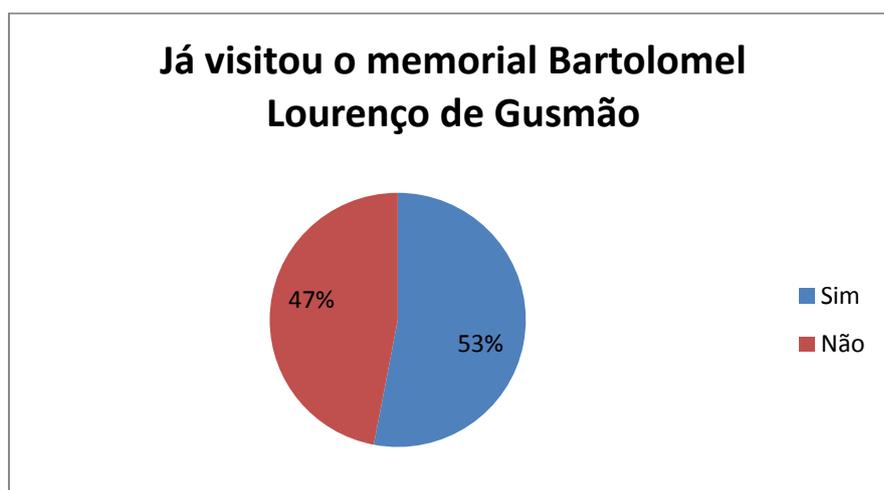
Gráfico 7:



Através da figura podemos observar que 62% dos entrevistados afirmaram conhecer a história de Belém, porém mais da metade dessa porcentagem disse

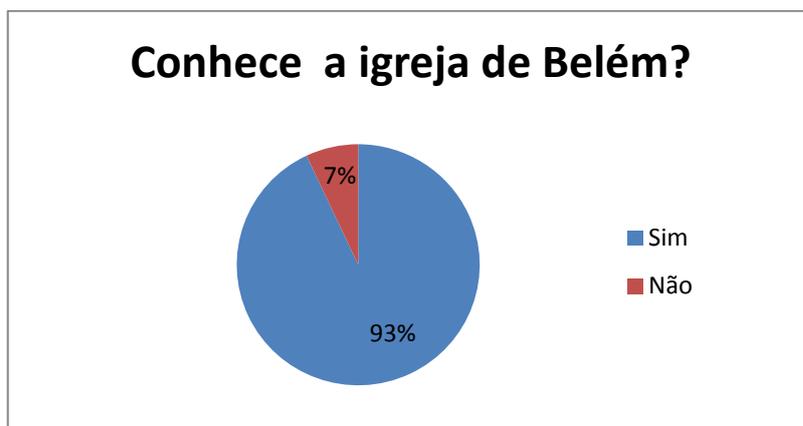
conhecer pouco. Esse dado é relevante para explicar a importância da escola trabalhar mais com os alunos a respeito da história local.

Gráfico 8:

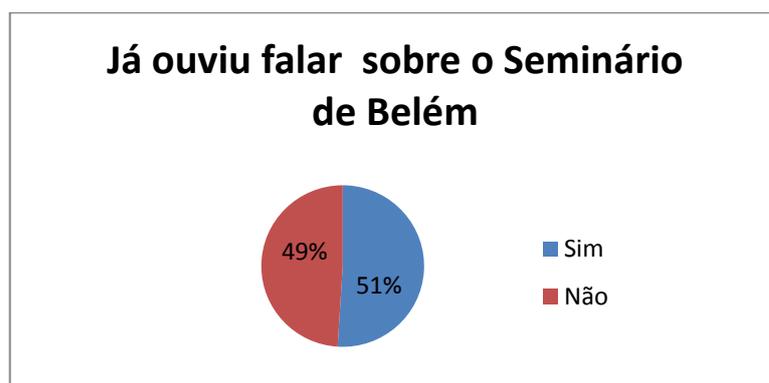


O gráfico mostra que 53% disseram sim e 47% afirmaram nunca ter visitado o Memorial, os que já visitaram afirmaram ter ido uma única vez quando um dos professores da escola os levou no período da inauguração. Chama atenção o fato de que 11 pessoas disseram que não visitou a instituição porque não sabia da existência do Memorial e uma pessoa disse não ter ido por sempre encontrar o Memorial fechado.

É importante ressaltar aqui, a importância de aproveitar o espaço das instituições de ensino uma vez que essas são muito bem distribuídas pelo espaço urbano para produzir cultura fora do horário de aulas. É interessante que cada gestor escolar, cada professor, ou seja, a equipe escolar promova encontros fora do horário escolar dando ênfase a produção de cultura pelos seus alunos, pois, isso permitirá que eles cresçam cada vez mais, e se tornem adultos competentes criando senso crítico em relação a cultura do seu país. Nota-se que essa é a maior contribuição que a Educação pode dar para a democratização da cultura, como afirma Isaura Botelho: "A melhor política de formação de público para as artes é a possibilidade de apreciá-las e praticá-las de forma sistemática na escola". (BOTELHO, 2004, p. 14 - 15).

Gráfico 9:

Os gráficos mostraram a falta de conhecimento sobre a história do local, porém 93% dos alunos conhecem o Patrimônio cultural tombado, de grande relevância para a história da vila.

Gráfico 10:

O gráfico anterior mostra que 96% dos entrevistados conhecem a Igreja de Belém, porém 49% nunca ouviram falar sobre o antigo seminário de Belém, dessa forma nota-se a falta de informativos na edificação enfatizando o contexto da criação do local, sua história e inserção na história da vila.

Assim, como afirma Maria Célia Santos (2008, p.120): a instituição museológica, além das exigências de caráter científico, tem o compromisso com a educação e com a comunicação, que só poderá ser cumprido com a produção de conhecimento, a partir das ações museológicas desenvolvidas no museu e em interação com os usuários.

Gráfico 11:



Através da observação do gráfico 11, podemos perceber que apesar de 51% da turma já ter feito um trabalho escolar sobre a história da vila de Belém, a maior parte dos entrevistados (62%) como mostra o gráfico 6, não conhece a história do município.

Quando foi questionado a importância da Igreja de Belém e do Memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão para os alunos, todas as respostas foram diferentes entre si, porém, resumindo o conteúdo das respostas dadas, podemos afirmar que, 19% disseram ser importante porque reúne religiosos de outras localidades, 20% afirmaram que é importante porque conta as histórias passadas da Igreja, 4% porque atrai turistas de diversas partes do Brasil e do mundo, uma entrevista afirmou que é importante preservá-la para as gerações futuras. É importante ressaltar que 20% não responderam a essa pergunta e 35% das respostas chamaram atenção: "Importância nenhuma". Sendo que nenhum dos entrevistados citou a importância do Memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão.

3.1.5 As atividades relacionadas ao Patrimônio Cultural na escola

A finalidade da entrevista foi saber o nível de conhecimento dos professores da Escola Padre Alexandre de Gusmão sobre patrimônio cultural e a relação dos mesmos com os bens culturais da vila, fazendo-os refletir sobre suas orientações educacionais sobre patrimônio. Para alcançar esse objetivo foi escolhida a entrevista não estruturada por esta, segundo MARCONI & LAKATOS (1996), possuir questões

abertas e o entrevistador tem mais liberdade de formular novas questões, conduzindo a entrevista.

A entrevista foi organizada com as seguintes temáticas: em primeiro lugar foi discutida a importância das atividades relacionadas a história local no ambiente escolar, em segundo lugar foi perguntado aos professores que pensassem em uma atividade relacionada ao patrimônio cultural para trabalhar com seus alunos, depois foi solicitado que citassem suas concepções a respeito de patrimônio e por último; como eles vêem a relação entre o bem patrimonial (Igreja de Belém com a comunidade).

3.1.6 As atividades relacionadas a história local na escola

No primeiro momento da entrevista foi direcionado aos professores uma questão aberta, questionava-se como estes trabalhavam as atividades referentes à história local na sala de aula, com o objetivo de perceber o que os professores compreendiam sobre a história local, sua importância no contexto educacional e sua relação com o patrimônio. Dos cinco professores entrevistados, uma das professoras entrevistadas nunca trabalhou com a história local, porém demonstrou interesse, três deram depoimentos que trabalharam, mas não relacionando essas atividades à história da vila de Belém e sim ao município de Cachoeira na qual a vila é distrito e só uma educadora (professora D) mencionou que já trabalhou no passado com a história local da vila de Belém. Segundo os depoimentos dos professores:

“Sim, ano passado quando eu ensinava “Identidade e Cultura”, numa turma de 6ª série B. Fizemos uma apresentação com as manifestações culturais da cidade: Festa d’ Ajuda, Boa Morte, Nossa Senhora do Rosário e Feira do Porto”. (professora A)

“A história da Ponte D. Pedro II com alunos de 5ª a 8ª série. Pesquisei na internet, colhi fotos e depoimentos da época, exibi no Power Point, comentei depoimentos de pessoas da época, escritores, jornalistas e das autoridades locais ou não que se pronunciaram em relação a Ponte”. (professor B)

“Sim, foi feito primeiramente, partindo de textos referentes a pontos históricos de Cachoeira, lidos e discutidos em sala e posteriormente foi feita uma visita a esses pontos, pelos alunos com a ajuda de um guia turístico.” (professora C)

“Sim, através de pesquisas”. (professora D)

*“Não, mas já estou estudando essa possibilidade para o próximo ano”.
(professora E)*

Falar sobre a questão da história local como tema da entrevista ajudou a entender a idéia dos professores sobre a história local e sua relevância no processo educativo.

Dessa forma, os docentes mostraram que seus principais objetivos é alargar os horizontes dos alunos para além de suas experiências do cotidiano na sala de aula. Nesse sentido a ênfase dada são atividades relacionadas a manifestações culturais, à história do município de Cachoeira e visita a museus.

3.1.7 Os patrimônios considerados relevantes pelos professores

Um dos objetivos da entrevista não estruturada era verificar o que os professores entendem como patrimônio, para isso foi feita uma pergunta de modo que eles não dessem uma resposta já pronta. Então foi solicitado que os mesmos abordassem a pergunta: se você fosse trabalhar com uma atividade que tivesse uma relação com o patrimônio cultural, teria algum lugar específico, que você gostaria de levar seus alunos? Esta questão trouxe algumas concepções sobre patrimônio, pois para os entrevistados pensarem em uma atividade referente a um patrimônio era necessário que antes eles pensassem o que consideram como patrimônio.

Surgiu a idéia de patrimônio edificado, patrimônio imaterial como as manifestações culturais, patrimônio material como o antigo cais de Cachoeira. Porém nenhum dos professores citou o patrimônio da vila de Belém. O grande destaque foi no conhecimento de museus e lugares históricos da cidade de Cachoeira. Conforme afirmaram os professores:

“A Irmandade da Boa Morte, pois reflete as manifestações da cultura religiosa da cidade: o candomblé e o catolicismo que é a maioria da cidade. É muito importante levar os alunos, pois eles prestam atenção nas explicações e conhecem os lugares na cidade onde vivem, sendo que se escola não leva eles não tem a oportunidade de conhecer.” (professora A)

“A navegação da época e os levaria ao antigo cais da Ponte de Cachoeira e tentava “in locu” o que era o antigo ancorador onde embarcava e desembarcava produtos e a produção local”. (professor B)

“Irámos à cidade e Cachoeira, pois nem todos os alunos conhecem os patrimônios que ela possui.” (professora C)

“ Sim, Museu Hansen Bahia”. (professora D)

*“Gostaria de ir aos museus que contassem a história do recôncavo.”
(professor E)*

Quando foi solicitado que os educandos pensassem sobre atividades que envolvessem o patrimônio o que veio na mente foi uma idéia mais tradicional de patrimônio, sendo citados desde o antigo cais de Cachoeira a pontos históricos da mesma cidade. Vale ressaltar que as opiniões sobre patrimônio não surgiram de início relacionadas ao bem cultural da vila de Belém da Cachoeira, mas a museus, pontos históricos e manifestações culturais da cidade, apesar de em Belém haver um patrimônio cultural, reconhecido por órgãos de preservação, este não apareceu quando perguntado. Nas falas dos professores as atividades relacionadas ao patrimônio seriam somente no município de Cachoeira, ou seja, a possibilidade de um patrimônio dentro da própria vila de Belém não foi citada.

As falas das professoras trazem o patrimônio como algo a ser sempre procurado distante das produções culturais da vila. Outra observação relevante foi que a idéia de trabalhar com o patrimônio veio como uma chance de sair da rotina de sala de aula.

Quando os professores foram questionados sobre a chance de utilizar o patrimônio escolhido por eles no conteúdo escolar, eles discorrem da seguinte maneira:

“A Identidade da cultura local, a história, os fatos ocorridos na época, a arquitetura, culinária, etc.” (professora A)

“Dois aspectos: o cais em si e que tipo de mercadoria era embarcada e desembarcada no cais.” (professor B)

“As imagens e seu contexto histórico” (professora C)

“O histórico do museu, como surgiu, como é hoje e qual a importância para os cachoeiranos.” (professora D)

“Exploraria muito a cultura do recôncavo, para que os alunos percebessem a importância de preservá-la.” (professora E)

Até neste momento da entrevista, o patrimônio da vila de Belém ainda não tinha sido citado pelos professores, mas ao entrar nesta discussão foi questionado sobre a possibilidade de se trabalhar com um patrimônio cultural em Belém.

Uma das professoras (professora E) demonstrou desconhecimento em relação à existência desse patrimônio na vila. É interessante que a maioria dos professores entrevistados tem um pouco de conhecimento sobre a história de Belém, citando a Igreja em suas falas, mas este conhecimento não seria utilizado nas práticas escolares, ou seja, não viria na mente desses professores a possibilidade de trabalhar com esse “patrimônio cultural da vila de Belém” se essa questão não fosse colocada no meio da entrevista. É importante ressaltar que o Memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão, que fica localizado no interior da Igreja não foi citado em nenhum dos relatos.

A idéia de patrimônio na fala de alguns professores aparece ligada à pesquisa histórica, dessa forma, se o aluno não fizer a pesquisa não é possível trabalhar o patrimônio.

Esta seria uma das formas explicadas por uma das educadoras (professora D), que já trabalhou com este *patrimônio local* em um dado momento de sua vida profissional. Segundo os professores:

“Levaria-os na Igreja, que é o prédio que mais chama atenção na vila por ser tão antigo, porém conservado. Levaria-os também nas casas das pessoas mais idosas para que eles contassem como surgiu a vila de Belém e o que aconteceu na época”. (professora A)

“A Igreja como centro do patrimônio, a vila como consequência da implantação dos trabalhos dos padres e a arquitetura das residências ligada a época.” (professor B)

“Levaria os alunos a Igreja Nossa Senhora de Belém e falaria de sua história, para depois discutirmos em sala de aula e ressaltar a sua importância.” (professora C)

“Primeiro visitaria o Santuário, depois a pesquisa, da origem até os dias atuais.” (professora D)

“Procuraria informações a respeito desse patrimônio, para que eu pudesse passar a importância dele para todas as pessoas que fossem visitá-lo.” (professora E)

Todos os professores mencionaram em sua fala que trabalhariam com a Igreja e a história de Belém, exceto a (professora E) que demonstrou falta de conhecimento em relação a esse patrimônio. Conduzindo a entrevista, foi questionado se eles acreditam na importância desse patrimônio local. Todas as respostas foram positivas e as justificativas foram relevantes para a pesquisa em questão:

“Sim, pois a história não deve ser perdida pois as gerações futuras merecem desfrutar da história do seu lugar de origem, inclusive este patrimônio nos traz turistas, gerando trabalho e aumentando o comércio local.” (professora A)

“Guarda a memória e ela deve ser explorada no sentido de mostrar para as gerações atuais como foi a época, como se viveu na época, os costumes e a importância que isso tem para nos reconhecer herdeiros dessa cultura, desse momento cultural do passado.” (professor B)

“Sim”. (professora C)

“Sim, pois foi onde os jesuítas fundaram o Seminário de Belém. Especialmente o padre Alexandre Gusmão e Bartholomeu de Gusmão que fez as primeiras experiências de vôo em Belém.” (professora D)

“Sim”. (professora E)

3.1.8 O significado da palavra patrimônio para os docentes

Os professores abordaram de forma mais direta sobre o patrimônio, quando lhes foi pedido para que eles definissem o que é patrimônio. Os professores citaram outras concepções diferentes das faladas nas atividades relacionadas ao patrimônio, relatando uma diversidade de conceitos sobre sua concepção do que vem a ser patrimônio.

É possível ver através dos depoimentos que os conceitos de patrimônio lhes remetem a bens de posse e a bens culturais, tornando amplo o sentido da palavra:

“Penso em pátria, patriotismo, algo que deve ser guardado e conservado para que algo sempre seja lembrado pelo seu valor artístico e histórico.” (professora A)

“Herança familiar.” (professor B)

“ Patrimônio: algo de grande valor histórico que pertence à humanidade e que deve ser preservado.” (professora C)

“ Patrimônio é um bem de um povo reconhecido pelo povo”. (professora D)

“ É a preservação de tudo que resgata a história e a cultura de um povo.” (professora E)

Percebe-se que a noção de patrimônio vem na lembrança dos professores em duas concepções diferentes, porém, convergentes. Para o professor B, patrimônio refere-se a bens de herança que são transmitidos aos filhos, a idéia dos demais,

refere-se ao patrimônio coletivo, o qual é considerado por outras pessoas como algo mais complexo e remoto.

O conceito de patrimônio está ligado a bens herdados das gerações passadas ou construídos por elas e tidos como representantes da cultura sendo relevante a sua preservação. Um exemplo é o depoimento da (professora A) que entra na questão da memória coletiva.

Após a discussão sobre o patrimônio de Belém e do conceito de patrimônio pelos professores foi questionado qual o patrimônio que lhes vem à mente quando lhe perguntam: Qual o seu patrimônio? As respostas foram variadas, e somente um dos professores (professora D) citou a Igreja do antigo Seminário de Belém, hoje chamado “Santuário do Santo Antônio de Santa’anna Galvão:

“Toda a cidade de Cachoeira”. (professora A)

“Linhas férreas. Tudo que envolve a época do trem. É uma coisa mais forte que me envolve ao passado.” (professor B)

“Festa D’ Ajuda”. (professora C)

“O Santuário Santo Antônio de Sant’anna Galvão”. (professora D)

“O Pelourinho”. (professora E)

Depois de ouvir qual patrimônio os professores se identificam, foi perguntado na opinião deles, qual a importância da igreja para os moradores?

“É uma relação de respeito e valor. É importante para que as missas sejam realizadas, a religião e a fé não seja perdida e é um importante ponto turístico.” (professora A)

“A importância da Igreja de Belém, repousa em dois pontos: primeiro que ela tem muita importância para as pessoas da década de 50 e 60, nessa época ela representava o centro da efervescência local e o segundo é que a geração contemporânea que não tem tanta ligação emocional com o passado, a geração dos anos 80,90.” (professor B)

“Uma relação de pouco cuidado, por não conhecer a história de grande importância que cerca a Igreja.” (professora C)

“ Há uma relação muito importante entre a comunidade e o Santuário de Belém. Porque todos participam e cooperam com todas as atividades que são feitas na comunidade.” (professora D)

“Não tenho condições de responder.” (professora E)

As respostas foram variadas, porém a resposta da (professora C), foi a que mais chamou atenção, pois ela fala que há uma relação de pouco cuidado entre a

comunidade de Belém e seu patrimônio, segundo ela a mesma desconhece a história local de grande importância que cerca a Igreja. Outra questão relevante foi colocada pelo professor B, ele afirma que as pessoas mais idosas valorizam mais a Igreja do que as gerações atuais, segundo ele estas não têm muita ligação emocional com o passado.

Foi questionado aos docentes se a Igreja de Belém deve ser restaurada ou se o Governo Federal e outros órgãos devem investir em outras obras? Todos responderam que sim.

“Deve ser restaurada, assim como outras Igrejas de Cachoeira, pois assim a memória histórica permanecerá. Além disso, as artes visuais são mais valorizadas quando se preservam arquiteturas antigas.” (professora A)

“Com certeza, e deve haver parceria local, através do município, estadual e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional tem maior responsabilidade de preservar para as gerações futuras esse patrimônio.” (professor B)

“Deve ser restaurada sim” (professora C)

“Deve haver a recuperação do Santuário” (professora D)

“Deveria ser restaurada”. (professora E)

Por ultimo foi direcionada uma pergunta pedindo a opinião dos professores a respeito da valorização que a comunidade dá ao seu patrimônio.

“Não, pois muitas das vezes a comunidade nem sabe quem construiu a Igreja, nem para quê finalidade. Reivindicam obras como praças em frente a Igreja, coisa que não deve ser feita jamais, para que o destaque sempre seja a Igreja de Nossa Senhora de Belém.” (professora A)

“Nem todos” (professor B)

“Não” (professora C)

“Sim, porque todos participam do culto religioso e todas as atividades que são feitas no Santuário, tanto religiosas como profanas.” (professora D)

“Não”. (professora E)

A grande maioria disse que a comunidade não valoriza o seu patrimônio, resumindo as respostas dos professores, não valoriza porque desconhecem a história local e essas pessoas ainda não se apropriaram do que significa e do que é ser o patrimônio.

3.1.9 Escola e patrimônio local: uma relação possível

Após uma pesquisa na escola, foi possível perceber que alunos e professores não possuem um conhecimento crítico sobre a história do seu patrimônio cultural (Igreja), e principalmente, à distancia deles em relação ao Memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão. Nesse sentido recorre-se a metodologia da educação patrimonial, pois é através dela que as pessoas fazem a leitura de sua realidade, levando-os a compreender o seu universo sócio-cultural e bem como sua trajetória histórico-temporal.

Para Fonseca (2005, p. 43), “(...) a escola cumpre de forma muito precária e limitada uma de suas funções principais, que é a de formar cidadãos com uma base cultural comum, e onde o hábito de consumo de bens culturais é incrivelmente restrito”. De acordo com Fonseca, já que a escola não cumpre seu papel como deve, a iniciativa da educação patrimonial deve partir também das instituições que detém o patrimônio histórico-cultural – não excluindo desse processo a importância da participação e envolvimento das instituições de ensino.

É preciso que haja o envolvimento de outras instituições, como as universidades, que formam os educadores, e as próprias escolas, que levam suas turmas para visitar o museu. Emerge, desse modo, questão de fundamental importância: os modos pelos quais as escolas e os professores fazem opções curriculares. (RAMOS, 2004, p.16)

Afinal, tal ligação entre sala de aula e museu muito depende da prática de um currículo aberto a certos procedimentos pedagógicos e determinadas concepções de saber histórico. Isso significa que é preciso localizar a proposta aqui defendida nas “teorias do currículo”, especificamente na noção de “currículo como política cultural”. (RAMOS apud SILVA, 2004, p. 17)

Nesse sentido este trabalho poderá ser um passo inicial para uma nova prática social, uma vez que a educação pode ser um meio bastante eficaz para a transformação de uma sociedade.

CAPÍTULO 4

4. PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA

4.1 - Patrimônio Cultural

Preservar a memória por meio de construtos que a comemoram, narram ou representam é uma prática que diz respeito a todas as sociedades humanas; é algo comum à Humanidade. Essa “função memorial” e esse “universo cultural”, como diz Márcia Sant’ Anna, está por trás da noção de patrimônio e também está presente no trabalho dos museus (Sant’Anna, 2003).

Nesse sentido, para uma melhor compreensão deste trabalho, é necessário um pequeno esboço histórico da noção de Patrimônio. Segundo CHOAY (2006):

Esta bela e antiga palavra estava, ligada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo. Requalificada por diversos adjetivos (genético, natural, histórico, etc.) que fizeram dela um conceito “nômade”, ela segue hoje uma trajetória diferente e retumbante.

A idéia de patrimônio relacionada à história das nações surgiu apenas no século XVIII após a Revolução Francesa. De acordo com Fonseca (1996), na ocasião da Revolução Francesa, os então recém-formados Estado - Nação passaram a cuidar do patrimônio. “A idéia de posse coletiva como parte da cidadania inspirou a utilização do termo *patrimônio* para designar o conjunto de bens de valor cultural que passaram a ser propriedade da nação [...]” (FONSECA, 1996, p. 58).

Ainda segundo Fonseca (1996, p.59), a noção de patrimônio vem nesse período cumprir papel estratégico, constituindo-se em um elemento de “coesão nacional”, além de servir como elemento de instrução dos cidadãos.

No Brasil, as políticas de preservação e de escolha do que é ou não patrimônio parte desse paradigma francês. Modelo de preservação centralizador em que o Estado e a nacionalidade são seus pilares (FONSECA, 1996). Também, Gomes (2008, p. 20) apud Funari (2006) indica que:

[...] a ênfase no patrimônio nacional atinge seu ápice no período que vai de 1914 a 1945, quando as duas guerras mundiais eclodem sob o impulso do nacionalismo que, associado ao imperialismo, seria superado com o fim da Segunda Guerra Mundial, e a criação da Organização das Nações Unidas – ONU.

Conforme Gomes (2008 apud LONDRES, 1997), esta idéia nacionalista garantiu o estatuto ideológico do patrimônio, sendo o Estado Nacional o responsável pela garantia de sua preservação.

Do ponto de vista de Lemos o patrimônio cultural compreende todo o conjunto de bens denominados “culturais” porque, “entre todos eles, quaisquer que sejam os atributos que se lhes der, existe forte travamento de relações estabelecidas”. (LEMOS, 2006, p.8).

Segundo Zanirato e Ribeiro (2006) o conceito de "patrimônio cultural" adquiriu um peso significativo nos últimos anos no mundo ocidental. O autor enfatiza que “de um discurso patrimonial referido aos grandes monumentos artísticos do passado, interpretados como fatos destacados de uma civilização”, se desenvolveram para uma concepção do patrimônio entendido como o conjunto dos bens culturais, referentes às identidades coletivas.

Diante desse contexto, múltiplas paisagens, arquiteturas, tradições, gastronomias, expressões de arte, documentos e sítios arqueológicos passaram a ser reconhecidos e valorizados pelas comunidades e organismos governamentais na esfera local, estadual, nacional ou internacional. (Zanirato e Ribeiro, 2006). Além disso, Funari (2006, p. 20 apud Gomes, 2008, p. 167) destaca três características dos primeiros pensamentos sobre patrimônio:

[...] primeiramente, no que se referia à construção das leis e diretrizes que versavam sobre os patrimônios, sua conservação, quando o patrimônio era entendido como um bem material concreto, um monumento, um edifício, assim como objetos de alto valor material e simbólico para a nação. Em segundo lugar, aquilo que é determinado como patrimônio é o excepcional, o belo, o exemplar, o que representa a nacionalidade. Uma terceira característica é a criação de instituições patrimoniais, além de uma legislação específica

Porém, para Bosi (2006 apud FUZZI, 2008), cultura é o conjunto de práticas, de técnicas, de símbolos e de valores que devem ser transmitidos às novas gerações para garantir a convivência social. No entanto, para haver cultura é preciso antes que exista também uma consciência coletiva que, a partir da vida cotidiana,

elabora os planos para o futuro da comunidade. (SILVA; SILVA. 2006:86). Dessa maneira a teoria de Bosi:

[...] pode-se refletir que a expressão "*Patrimônio Cultural*" se origina da própria concepção de que o monumento tombado apresenta símbolos e valores que transmitem às futuras gerações as características de uma determinada sociedade. (SILVA; SILVA. 2006:86, apud Fuzzi, 2008).

4.2 - Memória

Diante do contexto citado anteriormente pode-se afirmar que o patrimônio cultural direciona o sujeito a falar da memória coletiva. Segundo Jacques Le Goff (2003, p.419), o conceito de memória é crucial. Para o autor, a memória conserva certas informações e possui inicialmente um conjunto de funções psíquicas, em que o homem pode atualizar impressões ou informações passadas. Ressalta também que a memória coletiva é de grande relevância em uma sociedade, pois é através dela que se encontram as respostas sobre a origem de cada povo.

Segundo referência de Pierre Nora, há dois tipos de memória: a tradicional (imediate) e a que se transformou em história (indireta). "À medida que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi" (NORA, 1993, p.15).

É a partir desta memória que passou a ser história, é que se estabelecem os 'lugares de memória'. Segundo Nora entende-se por 'lugares de memória':

[..] museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações [...]. os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais (NORA, 1993, p.13).

A partir daí é que vemos a ligação entre memória coletiva e patrimônio cultural. Os bens tombados pelos órgãos competentes são escolhidos, buscando representar uma determinada época e ao tombarem uma edificação, como é o caso da Igreja de Belém da Cachoeira, está se apontando que a memória deve ser preservada.

Em relação à discussão que trata da memória como momento de rememoração dialogou-se com os idosos, líderes da vila e representantes da cultura local, no sentido de tornar testemunho as narrativas fundamentadas através do imaginário e da memória daqueles antigos tempos do Seminário de Belém.

Atualmente a memória é uma construção feita no presente a partir de vivências e/ ou experiências ocorridas no passado.

Maurice Halbwachs (1990) afirma que mesmo a memória aparentemente mais particular remete sempre a um grupo. Ou seja, o indivíduo carrega em si as lembranças, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. É no contexto dessas relações que, através de uma rede cultural e social, os entrevistados construirão suas lembranças. Estas lembranças se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo, naquilo que Halbwachs denomina de "comunidade afetiva". A discussão sobre o que se pode chamar hoje de patrimônio cultural passa por um processo de ressignificação que exige dos profissionais da área uma nova postura frente a esta questão. Trata-se da ampliação do conceito de patrimônio cultural. Conforme Choay (2006) em suas discussões a respeito do patrimônio como monumentalização, designado como tudo aquilo que denota ou pode identificar um monumento de rememoração e de lembrança. Dessa forma, estamos dirigindo ao conceito de patrimônio. De acordo com Françoise Choay (2006), a noção de patrimônio, assim como a de monumento, veio se modificando ao longo dos séculos e passou do *status* de antiguidade, no século XV, para sofrer o "complexo de Noé", nos dias atuais. Afinal, tudo tem ou obtém algum motivo para ser preservado para as populações vindouras.

Para Halbwachs, a equipe que elege um patrimônio cultural precisa ter uma postura crítica acerca daquele bem, para que o público que irá apreciar adquira uma memória ou uma lembrança daquele bem de forma significativa para aquela comunidade. Já na visão de Choay, esse termo patrimônio, nos dias atuais adquiriu outro significado para as pessoas, antes era visto como uma coisa que era antiga, hoje, como um bem ou objeto que deve ser preservado e mantido para as outras gerações.

O monumento, de acordo com Jacques Le Goff (2003), é tanto uma herança do passado como também uma escolha do historiador, justamente por representar um testemunho das sociedades históricas. Assim como um documento é um monumento, por expressar muito além de apenas seu conteúdo superficial, por

conter implicações e expressões de uma determinada época e local, o inverso também é verdadeiro. Um monumento é mantido através do esforço da sociedade em passar para as gerações futuras parte de sua memória, mesmo que essa seja seletiva, já que é feita, por parte dessa sociedade, uma escolha no sentido do que deve ou não ser registrado, de qual seria a melhor história para se contar. Nesta perspectiva é a memória dos habitantes da vila de Belém que hoje se encontra considerada enquanto referencial histórico, que faz com que essas pessoas se tornem mensageiras de uma história que pode ser rememorada através das lembranças.

Françoise Choay (2006) fala não só da importância histórica e artística do monumento, mas também da importância cultural, conforme a autora, das políticas de preservação atuais o que se percebe, principalmente, nas várias tentativas de dar a edifícios tombados novos usos, utilizando-os para fins culturais, turísticos e mesmo administrativos. Contudo, a própria reutilização do patrimônio edificado é uma problemática a ser pensada e bem questionada não só em relação a seu uso e público destinado como também para a re-significação que este prédio obterá perante a comunidade local que o utiliza ou que o identifica de acordo com sua função atual.

Choay (2001, p. 15) também aponta para os efeitos danosos dessa indústria, profundamente ligada à atividade turística, que se faz emergente e ao nome de indústria patrimonial, no qual o sentido de patrimônio enquanto bem público deve ser de fato revisto. Para Choay, o bem patrimonial ganha um forte valor ao ser visto como uma oportunidade para o turismo; além da valorização estatal do patrimônio por motivos econômicos (com a possível exclusão da população com uma especulação imobiliária e, conseqüentemente, a exclusão de um *modus vivendi* que seria justamente a parte humana dos edifícios tombados); a valorização histórica e a valorização artística, que remete o usufruto do patrimônio a uma mera fotografia e/ou uma contemplação artificial, entre outros.

Os monumentos culturais e artísticos devem ser observados não somente para o turismo, mas, como um bem que necessita ser mantido para as outras gerações. Essa visão meramente econômica não leva em consideração toda a parte sentimental de prédios tombados como patrimônio histórico e cultural, por pessoas competentes na área patrimonial.

4. 2.1 - Estudo de Memória em Belém: A Construção da Memória Local

Segundo Maia (2003, p. 1) preservar é a palavra-chave quando se pensa em memória, e remete à idéia de proteção, cuidado, respeito, pois, preservar não é apenas guardar algo, mas também fazer levantamentos, cadastramentos, inventários, registros, etc. A mesma autora enfatiza que:

A preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural é necessária, pois esse patrimônio é o testemunho vivo da herança cultural de gerações passadas que exerce papel fundamental no momento presente e se projeta para o futuro, transmitindo às gerações por vir as referências de um tempo e de um espaço singulares, que jamais serão revividos, mas revisitados, criando a consciência da intercomunicabilidade da história. (MAIA, 2003, p. 1).

De acordo com Lameirão e Silva (2000) a relação do homem com o tempo é sempre determinante das relações históricas, e em se tratando do antigo Seminário de Belém muitas histórias são lembradas pelos moradores.

Com referência à memória local, Senhor Luiz descreve as memórias que tem em relação ao Seminário:

(...) as pessoas falam da presença de um padre Galvão que hoje ele foi beatificado que é o primeiro santo brasileiro, teve a presença dele lá, mas se sabe muito pouco sobre a presença dele ali, também tem os restos mortais, parece que é Alexandre de Gusmão disse que acreditava que se a pessoa deitasse naquele túmulo, as pessoas ficavam curadas de doença, tinha um bom parto, enfim tem a presença por conta dessa história de balonismo, da presença do Padre Bartholomeu de Gusmão, a aviação... e existe também não é uma lenda mais é uma coisa que está sendo estudado que é um túnel que liga a Igreja de Belém até a Igreja do Convento do Carmo, então são as histórias mais contadas que estão mais na memória do povo(...).

Abordando o mesmo item referente às histórias dos tempos do seminário, D. Nenzinha conta a história da imagem de Santo Ignácio de Loyola, que segundo ela, era de ouro maciço medindo mais de um metro de altura e que ficava enterrada nas imediações da Igreja na ocasião da fuga dos jesuítas pela sua expulsão em 1759.

João Vanderlei, 34 anos, ex. secretario de cultura e turismo de Cachoeira, descreve a ligação que a vila de Belém tem com a história da Bahia e conclui:

(...) eu acredito que existe um patrimônio imaterial uma carga simbólica muito forte aqui em Cachoeira, em Belém especificamente. Isso deve ser trabalhado de uma

maneira que traga benefícios à comunidade. Por exemplo o 25 de junho ele é importante para a configuração da Independência do Brasil. Você imaginar, pensar que as tropas que foram lutar nesse 25 de junho ali na Praça da onde se deu o conflito saiu daqui de Belém e de lá do Iguape, (...) quando se fala em Cachoeira, do 25 de junho em Cachoeira tá se falando (...) da vila de Belém.

Atualmente o povoado de Belém foi agraciado com o Santuário do primeiro santo brasileiro, o estudante Antonio De Sant'anna Galvão (1739 † 1822), fato confirmado no dia 3 de junho de 2007 quando foi anunciada a implantação do *Santuário Arquidiocesano de Santo Antônio de Sant'anna Galvão*, na Vila de Belém.(SOUZA, 2008).

Para comemorar esse fato, todos os anos no mês de outubro, a Igreja católica através do Santuário Arquidiocesano de Santo Antônio de Sant'Anna Galvão comemora com missas, e uma grande Caminhada Ecológica, intitulada no ano de 2010 de “Nos passos de Frei Galvão”, que tem como objetivo percorrer o caminho trilhado pelo jovem, quando chegara no Porto de Cachoeira em 1752, rumo ao antigo Seminário dos Jesuítas na Vila de Belém.



Fotos: Marilene dos Santos Gonçalves¹⁷ - Caminhada em homenagem ao Frei Galvão

Logo, diante do contexto, as comemorações em homenagem ao Frei Galvão fazem parte da memória coletiva. Então, cabe salientar que de acordo com Le Goff e Nora (1993) as “comemorações” têm um lugar na memória coletiva e na História, pois somos “feitos de lembranças”:

¹⁷ Marilene dos Santos é estudante de Jornalismo pela UFRB – foto tirada em 16/10/2010.

[...] História que fermenta a partir do estudo dos “lugares” da memória coletiva. “Lugares” topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios ou arquiteturas; lugares simbólicos como comemorações, as peregrinações, os aniversários ou emblemas; lugares funcionais como manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm a sua história (LE GOFF, 2003, p. 467).

Dessa maneira pode-se acreditar que os museus e demais espaços de cultura representam um dos lugares responsáveis pela memória de um povo, encarregados pela preservação das obras produzidas pela humanidade, com suas histórias, com os meios próprios que dispõe (LEITE apud CHAGAS, 2006, p.75). Assim é o Memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão e a Igreja Nossa Senhora de Belém, ambos guardam a memória daqueles tempos do Seminário.

Cabe enfatizar que o que mantém um museu vivo é a sua relação dinâmica com a sociedade, portanto, museus não são instituições permanentes, mas práticas sociais colocadas a serviço da sociedade e seu desenvolvimento. (LEITE apud CHAGAS, 2006, p.75). Ainda de acordo com os autores:

[...] os museus não exercem apenas o papel de guarda, mas têm a vocação de investigar, documentar e comunicar-se. Trabalham permanentemente com o patrimônio cultural integral, ressaltando sua dimensão educativa, procurando, assim, desenvolver as identidades locais, regionais, nacionais e intergovernamentais. (LEITE apud CHAGAS, 2006, p.75).

A autora ainda enfatiza:

[...] que os museus devem representar a sociedade e sua estruturação, onde sua função mais premente é ser o espaço de comunicação direta com a comunidade. Esta dinâmica faz do museu um espaço de diversidade sem, no entanto, jogar fora o velho – mas debruçando-se criticamente sobre ele, fornecendo instrumento para o diálogo permanente. (LEITE, 2006, p.76).

Desse modo, a Igreja de Belém, e o Memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão são os bens da comunidade de Belém, e a comunidade deve preservar e entender que uma faz parte da história da outra. Quando são referidos os museus, pretende-se falar que a Igreja e o Memorial devem ser entendidos como centros de cultura.

4.2.2 - Analisando o lugar por meio da percepção dos moradores

A vila de Belém é bastante antiga, percebe-se, portanto, que a Igreja de Nossa Senhora de Belém é uma parte dessa antiguidade, pois, é um componente da memória deixada pelos jesuítas na Bahia.

A identidade do local fica gravada na memória de seus moradores e daqueles que utilizam ou já utilizaram de alguma maneira. O uso que se faz de um patrimônio é que determina sua valoração. Assim, quando o historiador Luiz Nascimento foi indagado sobre se já tinha ouvido falar sobre as histórias do seminário de Belém ele respondeu:

Já, a história não tem muita coisa publicada a não ser artigo, mas é uma história bastante conhecida, a história de Belém e do Seminário de Belém. (Luiz Claudio Nascimento, 57 anos, pesquisador).

Conforme Luiz Nascimento, a memória de Belém, as histórias contadas é alguma coisa que está na memória da comunidade.

Para as pessoas entrevistadas, existem no povoado de Belém algumas marcas da trajetória histórica (monumentos, tradições...). Ainda segundo Luiz Nascimento:

É existe, e tem a própria Igreja, ela é um monumento impressionante, muito bonito, muito bom (...), ali também tem as estradas dos Jesuítas, o banheiro de Belém que é uma obra de engenharia hidráulica e é de muita importância, e o próprio campo, aquele campo ele tem uma importância histórica, ali é um sítio cultural de grande importância histórica e artística também.

Conforme o padre da paróquia – Padre Hélio *“a Igreja é um Patrimônio edificado que testemunha através dos séculos a passagem do fundador, a existência do Seminário de Belém e também aquilo que foi vivenciado ali naquele espaço, praticamente só resta de pé a Igreja como testemunha desse grande serviço que a comunidade jesuítica prestou ao Brasil”*.

De acordo com Silva (2001) ao se resgatar a identidade de um lugar, acabamos por nos interiorizar no espaço vivido, sentido, percebido que se encontra repleto de sonhos e imagens daqueles que o usam de alguma maneira. Então, depara-se com um lugar onde acontecem e se manifestam culturas que fazem parte da vida cotidiana coletiva e individual, na qual o homem atua como sujeito.

Do mesmo modo, quando o padre Hélio foi questionado sobre as transformações que ocorreram na vila nos últimos anos, se houve alguma transformação no espaço físico, em alguma festa popular, ele retrata:

Eu não creio que tenha havido transformações significativas, especialmente no que diz respeito ao espaço físico do Seminário o que nos temos lá é a Igreja como a capela do próprio Seminário e recentemente houve de fato intervenção da parte do IPHAN para restauração do telhado a parte física também do edifício e também da parte artística da sacristia, o forro, eu creio que isso foi fundamental para a conservação do monumento mas ainda se tem muito por fazer, com isso a parte interna da igreja não foi desconfigurada, ao contrário está conservada nos padrões em que ela funcionava como capela do Seminário.

Por mais controlado que pretenda ser o processo de construção dos patrimônios, e por mais fixas que possam parecer às consequências de um tombamento, a recepção dos bens tombados, como nos aponta Maria Cecília Londres Fonseca, tem uma dinâmica própria em dois sentidos: “primeiro, no da mutabilidade de significados e valores atribuídos a um mesmo bem em diferentes momentos históricos (...) segundo, no da multiplicidade de significações e de valores atribuídos, em um mesmo momento e um mesmo contexto, a um mesmo bem, por grupos econômicos, social e culturalmente diferenciados.” (FONSECA, 1997, p.40)

Já quando uma moradora da Vila de Belém é questionada sobre as transformações que ocorreram na vila nos últimos anos, por exemplo no espaço físico da Igreja e seu entorno, nas festas populares, Angelina Cordeiro (D. Nenzinha) comenta:

Existe a festa de Reis mas não como era antes, modernizaram (...) eu era responsável pela festa de Nossa Senhora de Belém, natais, no natal eu dava presente às crianças, papai Noel saía de carro distribuindo balas e presentes fiz também uma festa linda de Natal no tricentenário de Belém, a festa de 300 anos da Igreja foi muita bonita.

De acordo com a moradora, algumas tradições que existiam na vila antigamente, foram sendo perdidas com o passar do tempo, ela também comenta que a estrutura das casas que fazem parte do entorno da Igreja também mudaram.

A mesma moradora, D. Nenzinha com um olhar de saudades ressalta a importância da fonte dos Padres em sua vida e lembra-se das histórias da vila, ela ainda recorda que, os moradores iam buscar água nas fontes dos padres, ela completa: *“a fonte está em decadência, cortaram as árvores o minadouro acabou”*.

Quando perguntado a um morador, que também é pesquisador, sobre a sua opinião a respeito se a comunidade de Belém valoriza o seu patrimônio, ele responde:

Eu acredito que a comunidade de Belém não foi estimulada a reconhecer a Vila como um patrimônio, eu acredito que com a chegada da Universidade aqui isso vem se intensificando, a noção de que você está inserido num contexto sociocultural que é importante e que foi importante para o país e que é importante a utilização desse patrimônio para o desenvolvimento local (...). (João Vanderlei do N. Junior, 34 anos, pesquisador)

Entretanto, o ponto que mais ficou evidente é a relação de identidade pessoal com o lugar. Neste momento, o lugar, enquanto categoria de análise geográfica torna-se o espaço da vida cotidiana, o espaço vivido. O termo lugar encontra-se presente em diversos trechos dos depoimentos coletados:

“(...) por algumas questões da vida mesmo leva a gente para outros lugares”

“(...) são pessoas que vêm, ligadas à Igreja não sei exatamente de que lugares elas vêm”

Com base nisso, entende-se que o lugar é colocado pelos entrevistados como um espaço no qual eles têm e mantêm suas relações sociais e familiares, estabelecendo usos de formas variadas, mas cada qual com a sua definição e valor determinados, mas o que foi comum é que eles mudariam da comunidade por variados motivos uns por motivo de trabalho, pois, para alguns falta no local, oportunidade de trabalho, outros por ter vontade de mudança e outros por questões da vida mesmo.

Em relação aos usos e significados que a Igreja tem para o povo do lugar, o Padre Hélio Vilas Boas declarou que:

(...) de certa forma da parte da comunidade também tem uma atenção especial na preservação desse bem histórico artístico cultural (...). Acho que no passado, não. Eu creio que hoje a comunidade tem mais consciência de que ali é um espaço de culto, é uma Igreja cristã da instituição católica vinculada à paróquia, antes na época do seminário vinculada à ordem dos jesuítas (...). A comunidade tem mais consciência de que é um bem tombado, é um monumento precioso para a história da nação brasileira portanto merece cuidado e de certa forma da parte da comunidade também houve uma consciência assim tão clara hoje por conta de várias palestras que foram dadas lá, o seminário de educação patrimonial, a realização de outros eventos, a construção do próprio Seminário, a preocupação com o estatuto do santuário de conservar a história da comunidade católica de Belém. Eu creio que tudo isso tem contado muito para que a comunidade tenha esse entendimento de que é um espaço de culto, mas ao mesmo tempo um espaço cultural da mais alta envergadura e que deve ser

preservado não deve ser descaracterizado. No passado, sim, foi feito mais por falta de consciência do valor disso hoje a gente tem mais critério até por isso que hoje está tudo a merecer atenção aos órgãos do patrimônio não devemos pintar de novo a igreja ou pintar com mais camadas de tintas, os afrescos estão por baixo daquelas pinturas que foram dadas, mas no passado a comunidade não tinha essa consciência que deveria preservar esses afrescos ao menos ela mantinha o prédio limpo, essa era a verdade que a comunidade tinha, preservar no sentido de cuidar, de manter, mas não esse tipo, de considerar um bem artístico.

Através do estudo de memória foi verificado que a comunidade não tem interesse em visitar a igreja e o memorial como um equipamento cultural, mas utilizam para alguma coisa (para o culto religioso) e tem memórias em relação a esse patrimônio.

Uma das entrevistadas, quando questionada sobre a importância que a Igreja de Belém tem para a comunidade, falou que “de fato é importante, porém muitas pessoas não valorizam a potencialidade de nossa comunidade, no entanto, outras além de exercerem sua fé se beneficiam vendendo os lanches em dias movimentados na Igreja, como nos últimos domingos de cada mês na missa de Frei Galvão com participação de caravanas”.

As entrevistas realizadas mostraram alguns pontos interessantes, dos quais se pode retirar algumas considerações como: o reconhecimento dos moradores da importância de Belém na história da Bahia e do Brasil, como também, no imaginário e na memória dessas pessoas permanecem presentes histórias daqueles antigos tempos do Seminário de Belém e o forte valor que o monumento ganha ao ser visto como uma oportunidade para o turismo, além da valorização por motivos econômicos.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo fundamental analisar as relações dos moradores da vila de Belém com o seu patrimônio – a Igreja e o memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão a ela anexado - bem como, avaliar a experiência dos não moradores ao visitar o local, por meio da investigação do espaço museológico enquanto patrimônio cultural.

Durante a presente pesquisa foi constatado que, atualmente, a Igreja está em pleno uso, e é o lugar onde acontecem as principais cerimônias religiosas católicas da vila de Belém. A importância artística e histórica desse monumento foi referendada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional com a inscrição do templo e seu acervo no Livro de Tombo de Belas-Artes, conforme resolução nº 0122- T- 38, inscrição 140, de 17 de junho de 1938, e posterior Resolução do Conselho Consultivo do SPHAN, de 13 de agosto de 1985, referente ao Processo Administrativo nº 13/85/SPHAN.

Igualmente, foi percebido que este objeto de estudo tem importância artística e histórica, reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional. Contudo, apesar da relevância registrada pelo IPHAN, os visitantes carecem de conhecimento crítico acerca desse patrimônio. Pois a ausência de informações dá a entender a falta de apropriação consciente dos bens culturais por parte dos participantes desse grupo, do processo de transformação e continuidade dos significados e usos deste monumento e seu acervo, em sua trajetória histórico-temporal.

Portanto, através das entrevistas aplicadas aos moradores da Vila de Belém, ao público visitante e a representantes da cultura local sobre o Patrimônio, percebeu-se que a identificação por parte da maioria desse público está voltada para o culto religioso que é realizado no local e não para a edificação, enquanto espaço cultural. Quando o público foi perguntado sobre o conhecimento do Memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão a grande maioria não demonstrou grande interesse, ou conhecimento do espaço. Quando foram questionadas sobre as suas sugestões para a melhoria da instituição, a maioria das pessoas considera de grande importância a urgente restauração do edifício.

Analisando o patrimônio sobre perspectiva do visitante em relação à comunicação museológica, algumas pessoas sugeriram colocar sinalização para

melhorar o acesso à instituição, divulgação do memorial e informativos enfatizando a história local, mas não opinaram pela comunicação museológica do memorial em si pelo fato de não conhecerem.

Verificou-se no decorrer da pesquisa, que os alunos e professores da Escola Padre Alexandre Gusmão não têm um conhecimento crítico sobre a história do patrimônio cultural local e a relação dos mesmos com os bens culturais da vila, ainda precisa de relevantes esforços, principalmente, para que se tornem cidadãos críticos, conscientes e protagonistas da história.

O desenvolvimento da Educação Patrimonial em sala de aula é relevante para a transformação dessa realidade, porque poderá contribuir para a ampliação dos conhecimentos dessa coletividade sobre a sua própria história e fortalecendo o exercício da cidadania por meio da preservação do patrimônio cultural (...). (SANTOS; SANTOS, 2011). Considerando que a educação é uma arte bastante eficaz para a transformação de uma sociedade, esse recorte da pesquisa poderá ser um passo inicial para uma nova prática social.

Assim, esta pesquisa buscou principalmente realizar um estudo de memórias na comunidade, avaliando o uso que se faz da Igreja Nossa Senhora de Belém enquanto patrimônio cultural. Através dos depoimentos orais foi verificado que as pessoas da comunidade não visitam a Igreja como uma instituição cultural, mas a usam para o culto religioso, reconhecem que a Igreja é um monumento patrimonial muito importante no local e têm memória em relação a esse patrimônio.

REFERÊNCIAS

BENEVOLO, Leonardo. **A cidade e o Arquiteto**, Ed. 70, Lisboa, 1984.

BOTELHO, Isaura. **Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para a gestão pública**. Espaço e Debates – Revista de Estudos Regionais e Urbanos. São Paulo: Annablume, 2004.

CADERNOS de Museologia nº 2 – 1994. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/533/436>. Acesso em: 14/09/2011.

CHAGAS, Mário de. **Memória e Poder**: dois movimentos. Cadernos de Sociomuseologia, nº 19, 2002. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernossociomuseologia/article/view/367>. Acesso em 18 de agosto de 2011.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade; Editora da UNESP, 2001.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. UNESP, São Paulo, 2006.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**: Cultura e Imaginário. 3ª edição. FAPESP, ILUMINURAS, 1997.

CORRÊA, Máira Freire Naves. **Estranhamento e Encantamento**: como moradores e não moradores de Belo Horizonte experimentam o Museu de Artes e Ofícios. Mestrado em Museologia e Patrimônio: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins/Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2010.

CRUZ, Matheus. **Publicidade e propaganda nos museus pelotenses: Qual a imagem “vendida” por essas instituições?** 2010. 50p. Monografia, Bacharelado em Museologia, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2010. Disponível em: Museologiaufpel.files.wordpress.com. Acesso em 08 de fevereiro de 2012.

CRUZ, Cid José da; PUGAS, Adeilson dos Santos; GOMES, Aline de Souza; SANTANA, Maria Conceição de; OLIVEIRA, Jônatas Silva de. **Igreja de Belém**: estudo e avaliação de público. 2011. 13 p. Projeto (Bacharelado em Museologia). Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cachoeira, 2011.

CURY, Marília Xavier. **Exposição**: Concepção, montagem e avaliação. Marília Xavier Cunha. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. **Comunicação museológica**: uma perspectiva teórica e metodológica de recepção. Tese apresentada à área de Concentração: Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ: IPHAN, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo; PALEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GUSMÃO, Alexandre de. **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**. Lisboa, Officina Real Deslandesiana, 1715.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, FRANCISCA. **Planteamientos teóricos de la museología**. – Ediciones Trea, 2006.

ICOM. **Código de Ética para Museus**. 2004. Disponível em:
<http://www.icom.org.br/codigo_etica_port.pdf> Acesso 16 de setembro de 2011.

IPAC – **Inventário de Proteção do Acervo Cultural; Monumentos e Sítios do Recôncavo**, II Parte. Salvador, 1983.

INIESTA, M. (1994). Els gabinets Del món. **Antropologia, museus e museologia**. Lleida: Pages editors. In: Pérez, Xerardo Pereiro. Turismo Cultural. Uma visão antropológica. ACA y PASOS, RTPC, 2009. 307p. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/50475878/47/BREVE%C2%A0HISTORIA%C2%A0DOS%C2%A0MUSEUS>. Acesso em: 18 de setembro de 2011.

JULIÃO, Letícia. Pesquisa Histórica nos Museus. In: **Caderno de diretrizes museológicas**: 2ª ed. Brasília: MinC/IPHAN/DEMU - Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais / Superintendência de Museus, 2006, p.93-106.

_____. Apontamentos sobre a História do Museu. In: **Caderno de diretrizes museológicas**: 2ª parte. Brasília: MinC/IPHAN/DEMU – Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais/ Superintendência de Museus, 2006, p. 19 – 32.

LE, GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LAMEIRÃO, Marcelo Chaves; SILVA, Paulo Vinícius Aprígio da. **História, memória e patrimônio: paradigmas da contemporaneidade**. Disponível em: http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212949382_ARQUIVO_tr

abalhoanpuh-marcelolameiraoepauloaprigio.pdf. Acesso em : 19 de dezembro de 2011.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Lisboa: Livraria Portugália; Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1938. t. I; 1938. t. II; 1945. t. V; 1945. t. VI; 1949. t. VII; 1949. t. VIII.

LEITE, Maria Isabel. **Crianças, velhos e museu: memória e descoberta**. Caderno Cedes. Vol. 26, n. 68, p. 7485, São Paulo: Unicamp, 2006. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n68/a06v26n68.pdf. Acesso em: 10 de setembro de 2011.

LEMONS, Carlos A.C. **O que é patrimônio histórico**. 5ª ed. São Paulo: Brasilense, 2006.

LONDRES, Maria Cecília. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: EFRJ/IPHAN, 1997.

MARCONI, M.D.A; LAKATOS, E.M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MAIA, Motta Adinoel. **Criação do Memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão**. Cachoeira, 2011. Entrevista cedida por e-mail. Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. 28 ago. 2011.

MOTA, Marília Gabriella de Magalhães da. **Tipologia e avaliação de público no Museu Hansen Bahia – São Félix** / Marília Gabriella de Magalhães da Mota. - Cachoeira: UFRB/CAHL, 2010. 57 f.

MUSEOLOGIA. Disponível em: <http://www.unirio.br/cch/graduacao/museologia/museologia.htm>. Acesso em: 12/09/2011.

NASCIMENTO JUNIOR, José do; CHAGAS, Mario. Museu e Política: apontamentos de uma cartografia. **Cadernos de diretrizes Museológicas**, 2006 p.13 -17.

NEVES, Roseane Araújo das. **A relação patrimônio e comunidade local: um estudo de público na Igreja do antigo Seminário de Belém da Cachoeira**. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/ UFRB. 9 p. Projeto monográfico. (Bacharelado em Museologia), 2011.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, nº 10, p.7-28, dez.1993.

NUNES, Graça Maria Soares. A História Regional e Local – contributos para o estudo das identidades locais. In: **Cadernos de Sociomuseologia** nº 8 – 1996.

PEREIRA, Marcele; KOPTCKE, Luciana Sepúlveda. **Guia de fontes primárias**. O Museu Nacional: seu público no século XIX e no início do XX. Fundação Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, Rio de Janeiro – Brasília, 2008.

PINTO, Alfredo, **Belém da Cachoeira**: De Seminário dos Jesuítas à Santuário de Frei Galvão. Folha do orago, 2008, p. 03.

PUZZI, L. **Patrimônio Histórico**: Estudando a Memória do Coletivo. Disponível em: www.valedoparaiba.com/terragente/artigos/Ludimila%20Artigos.doc. Acesso em: 18 de outubro de 2011.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A doação do objeto**: o museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.

SANT'ANNA, Marcia (2003) **A face imaterial do patrimônio cultural**: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: Abreu, R. e Chagas, M. (orgs) Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A.

SANTOS, Maria Socorro Soares dos; SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Igreja Nossa Senhora do Socorro**: Reflexões sobre os Usos educativos do patrimônio no ensino fundamental em Tomar do Geru/SE. Disponível em: http://www.ufpel.edu.br/enpos/2011/anais/pdf/CH/CH_00065.pdf. Acesso em 18 de dezembro de 2011.

SANTOS, Fausto Henrique dos. **Metodologia aplicada em museus**. Editora Mackenzie. São Paulo. 2000.

SILVA, A. C. **Imaginários Urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

SILVA, Fabiana Cavalcante Lima da. **Diálogo entre museu e comunidade – Museu da casa de Portinari**. Disponível em: [www](http://www.museuportinari.org.br). Acesso em 11 de abril de 2011.

SILVA, K.V; SILVA, M.H. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2006.

SOUZA, Lais Viena de. **Educados nas letras e guardados nos bons costumes**. Os pueris na prédica do Padre Alexandre de Gusmão S.J. (séculos XVII e XVIII) Lais Viena de Souza – Salvador –BA: UFBA/ FFCH/ PPGH, 2008.

STUDART, Denise Coelho; ALMEIDA, Adriana Mortara; VALENTE, Maria Esther. **Pesquisa de público em museus**: desenvolvimento e perspectivas. In: GOUVEIA, Guaracira; MARANDINO, Martha; LEAL, Maria Cristina (orgs), 2003.

TAUNAY, Afonso d'Escragnole. **Bartolomeu de Gusmão, inventor do aeróstato: a vida e a obra do primeiro inventor americano.** São Paulo: Edições Leia, 1942.

TRINDADE, Diamantino Fernandes; TRINDADE, Laís dos Santos Pinto. **Os pioneiros da ciência brasileira: Bartholomeu de Gusmão, José Bonifácio, Landell de Moura e D. Pedro II.** São Paulo.

VICTOR, Isabel. **Os museus e a qualidade. Museus com “qualidade” vs. A qualidade em museus.** Dissertação de Mestrado. Universidade Lusófona. Lisboa, 2005.

ZANIRATO, Silvia Helena; RIBEIRO, Wagner Costa. Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável. **Rev. Bras. Hist.** vol.26 no.51 São Paulo Jan./June 2006

ANEXOS

ANEXO A - Questionário aplicado aos estudantes da Escola Padre Alexandre Gusmão (Belém – Cachoeira)

1- Nome: _____

2- Idade: _____

3- Sexo: M () F ()

4- Local onde reside?

5- Grau de escolaridade:

() Ensino Fundamental () Ensino Médio

6- Qual a renda familiar?

a) () Sem rendimento

b) () Até $\frac{1}{2}$ salário mínimo

c) () De $\frac{1}{2}$ a 1 salário mínimo

d) () De 1 a 2 salários mínimos

e) () De 3 a 5 salário mínimo

f) () De 5 a 7 salários mínimos

g) () Acima de 8 salário mínimo

7- Você sabe o que é um patrimônio histórico?

() sim () não

8- Você sabe o que é tombado um patrimônio?

() sim () não

9- Você sabe se existe algum patrimônio tombado em Belém?

() sim () não

10- Conhece a história de Belém?

() sim () não

11-Conhece a Igreja de Belém?

() sim () não

12-Já visitou o Memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão anexado a Igreja?
Se não por quê?

() sim () não

13-Já ouviu falar alguma história sobre o Seminário Jesuíta de Belém?

() sim () não

14-Você já fez algum trabalho escolar sobre a história de Belém? Qual?

15- Qual a importância da Igreja e do Memorial para você?

ANEXO B- Questionário aplicado ao público visitante da Igreja Nossa Senhora de Belém

1- Nome: _____

2- Endereço: _____

3- Sexo: a) () masculino b) () feminino

4- Estado civil:

a) Solteiro () b) Casado () c) Divorciado ()

d) Viúvo () e) União estável () f) Outros ()

5- Faixa Etária:

a) () 11 a 14 anos

b) () 15 a 17 anos

c) () 18 a 25 anos f) () 61 a 65 anos

d) () 26 a 40 anos g) () + de 65 anos

e) () 41 a 60 anos

6- Qual sua situação profissional?

a) () Não trabalha

b) () Trabalha com carteira assinada

c) () Trabalha sem carteira assinada

d) () Autônomo/ por conta própria

e) () Aposentado

f) () Pensionista

g) () Outra Qual? _____

7-Grau de escolaridade:

- a) () Alfabetizado
- b) () Não alfabetizado
- c) () 1ª a 4ª série do ensino fundamental I (antigo primário)
- d) () 5ª a 8ª série do ensino fundamental II (antigo ginásio)
- e) () Ensino médio (2º grau incompleto)
- f) () Ensino médio (2º grau completo)
- g) () Ensino superior incompleto
- h) () Ensino superior completo
- i) () Pós- graduação

8- É a primeira vez que visita a instituição?

- () sim () não

9- Como ficou sabendo da existência da Igreja?

- a) () TV ou rádio
- b) () planfetos ou cartazes
- c) () jornais ou revistas
- d) () Internet
- e) () guia turístico
- f) () por recomendações de amigo
- g) () por recomendações de familiares
- h) () por recomendações de professores
- i) () outros _____

10- Há quanto tempo conhece a instituição?

- a) () Conhecendo hoje
- b) () Há 1 semana
- c) () Há 1 mês
- d) () Há 1 ano
- e) () Há 5 anos
- f) () Há mais de 5 anos
- g) () Outros _____

11- Qual a razão da sua visita?

- a) Conhecer a instituição
- b) Motivo religioso
- c) Estudo
- d) Acompanhar amigos/ outras pessoas
- e) Conhecer coisas novas
- f) Diversão
- g) Outros motivos

12- Veio sozinho? Se não, com quantas pessoas?

- a) Sim b) Não

13- Você está visitando a instituição:

- a) Com pai / mãe
- b) Com cônjuge/ namorado (a)/ companheiro (a)
- c) Com um ou mais filhos
- d) Com outras pessoas da família
- e) Com um grupo (igreja, escola, etc)
- f) Com amigos
- g) Outros, quem ? _____

14- Já ouviu falar no Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, “o Padre voador” ?

- a) sim b) não

15-Como você avalia os serviços da instituição?

- a) Sinalização (orientação de entrada, saída, banheiros...)
() ótimo () bom () regular () péssimo

- a) Conforto (banheiro disponível, lojinha, bebedouros, assentos, etc)
 ótimo bom regular péssimo
- b) Informações e explicações disponíveis (painéis, textos, áudios guias, filmes, etc.)
 ótimo bom regular péssimo
- c) Limpeza
 ótimo bom regular péssimo
- d) Iluminação
 ótimo bom regular péssimo
- e) Acolhimento (recepcionista, monitor, guarda, guia)
 ótimo bom regular péssimo
- f) Horários de funcionamento
 ótimo bom regular péssimo

Sugestão: _____

16-Conhece o Memorial Bartholomeu Lourenço de Gusmão?

17-Pretende voltar a esta instituição? Com que finalidade?

sim não

18-Quais as suas sugestões para a melhoria da instituição?

APÊNDICES

APÊNDICE A- Igreja Nossa Senhora de Belém



Figura 2: Igreja Nossa Senhora de Belém



Figura 1: Frontão da Igreja



Figura 3: Cruz na parte frontal da Igreja

A IGREJA DE NOSSA SENHORA DE BELÉM.

A Vila de Belém, situada a cerca de seis quilômetros da cidade de Cachoeira (Recôncavo Baiano).

No ano de 1686, como mostra a data gravada no frontão da Igreja, foi iniciada a fundação do Seminário de Belém.

APÊNDICE B- Imaginária

Figura 4: Imagem de Nossa Senhora das Dores



Figura 5: Imagem do Sagrado Coração de Jesus



Figura 6: Imagem da Sagrada Família



Figura 7: Sacrário Santo Antônio de Santa'na Galvão

APÊNDICE C – Interior da Capela Principal

Figura 8: Capela – Mor.



Figura 9: Lápide do Padre Alexandre de Gusmão.



Figura 10: Janelas Laterais na Capela Principal.



Figura 11: Forro do Teto da Capela Principal.

APÊNDICE D: Sacristia**Figura 12: Forro do Teto da Sacristia****Figura 13: Nincho Lateral****Figura 14: Lavabo com pia situado no corredor lateral da sacristia**

APÊNDICE E - Memorial do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão



Figura 15: Placa do Memorial



Figura 16: Interior do Memorial

APÊNDICE F - Acervo do Memorial do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão



Figura 17



Figura 18



Figura 19



Figura 20



Figura 21

APÊNDICE G - Banners expostos na Sacristia da Igreja



Figura 22: Banner sobre a vida do Padre Alexandre de Gusmão



Figura 23: Banner sobre a história da Igreja de Belém



Figura 24: Quadro do Frei Galvão